

ATA DA 3ª SESSÃO ORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE
ANGRA DO HEROÍSMO, RELATIVA AO ANO 2015

Aos 30 dias do mês de junho do ano de dois mil e quinze, pelas nove horas e trinta e sete minutos, no salão nobre dos Paços do Concelho, reuniu a Assembleia Municipal de Angra do Heroísmo, na sua 3ª sessão ordinária, a cujos trabalhos presidiu o senhor deputado municipal Ricardo Manuel Rodrigues de Barros, no exercício das funções de presidente da Assembleia Municipal, secretariado pelos senhores deputados municipais: Vasco Augusto Pinheiro Gonçalves Capaz e Tânia Gil da Rocha.

A - PERÍODO DE ABERTURA

O senhor presidente da Mesa, depois de saudar os presentes, determinou que se procedesse à chamada, tendo-se registado as seguintes presenças:

Grupo Municipal do Partido Socialista

Ana Maria Sousa de Lima Borges • António Gonçalves Toste Parreira • António Toledo Alves • Artur da Câmara Machado • Davide Gabriel Cabral dos Reis • Hélio Manuel Melo Vieira • Irina dos Santos Mendes Pimentel • Isabel Maria Diniz Berbereia • João Carlos Castro Tavares • João Luís Sanchez dos Santos • José Machado Ferreira dos Santos • Luís Leonel Teixeira Salvador • Manuel Henrique Assis Ferreira • Marco Paulo Vieira Alves • Maria Luísa da Cunha Ribeiro • Marília Margarida Enes Garcia de Vargas • Miguel da Cunha Pacheco Ribeiro de Borba • Paulo Jorge Pimentel da Silva • Ricardo Manuel Rodrigues de Barros • Rogério Paulo Nogueira e Sousa • Rui Manuel Pacheco Lopes • Salvador da Rocha Lopes • Tânia Gil da Rocha • Vasco Augusto Pinheiro Gonçalves Capaz.

Grupo Municipal do Partido Social democrata

Alódia de Melo Rocha Costa e Silva • Francisco José Lopes Câmara • Honorato Bettencourt Lourenço • Luís Alberto Garcia de Castro Pereira da Costa • Luís Miguel Forjaz Rendeiro • Manuel Conde Bettencourt • Manuel Jorge da Silva Melo • Maria Cecília Narciso Vieira Sousa da Costa • Pérciles Pereira Ortins • Rita Olaio de Mendonça Andrade • Rómulo de Ficher Correia.

Grupo Municipal do CDS-PP

António Félix Flores Rodrigues • Artur Manuel Leal de Lima • Maria da Graça Amaral da Silveira • Pedro Miguel de Borba Ferreira.

Grupo de cidadãos das Cinco Ribeiras

Henrique Ferreira dos Santos

Câmara Municipal

Presidente: José Gabriel Álamo de Meneses.

Vereadores: Alonso Teixeira Miguel • Catarina Cristina Ribeiro da Rocha Gonçalves Silva Matias • Fernando Francisco de Paiva Dias • Guido de Luna da Silva Teles • José Gaspar Rosa de Lima • Raquel Gomes Caetano Ferreira.

Posta à discussão e sem que se registassem quaisquer intervenções, a ata da sessão de 24 de abril de 2015 foi aprovada por unanimidade.

O senhor presidente da Mesa procedeu à habitual leitura do expediente, colocando-o também à disposição dos senhores deputados que o quisessem consultar:

- **Atas e minutas das deliberações das reuniões da Câmara Municipal.**
- **A obra «A Terra e o Gado, a Corda e as Gentes – Ensaio interpretativo da manifestação popular, tourada à corda da ilha Terceira nos Açores, Portugal», para efeitos de construção de uma ideia/projeto para a levar a património da humanidade.**
- **Resolução do 22º Congresso da Associação Nacional de Municípios.**

B – PERÍODO DESTINADO AO PÚBLICO

Não se registaram quaisquer intervenções por parte do público presente.

C – PERÍODO DE ANTES DA ORDEM DO DIA

Sr. d. m. Luís Rendeiro: – Bom dia senhor presidente e senhores membros da Mesa, senhor presidente da Câmara e restante vereação, senhoras e senhores deputados municipais e ilustres membros do público, aqui presentes.

Desde o início do mandato deste executivo camarário temos verificado um conjunto de alterações ao trânsito implementadas na cidade que têm levado às mais variadas reações por parte da população resultantes da consequência da fluidez do trânsito que, se por vezes se revela um pouco melhor, por outras tem levado a alguns constrangimentos. O caso de maior impacto terá sido o das obras realizadas na rotunda da praça de toiros que causaram em Angra um dos maiores engarrafamentos de que há memória.

Julgo que tem havido muita falta de cuidado por parte da Câmara Municipal, relativamente às questões do trânsito e às obras que têm de ser melhor planeadas. O licenciamento daquela obra não foi cuidado, o que levou a um bloqueio total das entradas e saídas da cidade pela zona nascente durante dois ou três dias e a inúmeros transtornos causados a milhares de munícipes que se viram confrontados com um trânsito caótico.

Porque não se faseou aquela obra e se fecharam todos os acessos àquela rotunda? Este tipo de obras em zonas sensíveis ao trânsito como esta são realizadas à noite por esse país fora e não se consegue perceber porque em Angra decorreram durante a semana e por vezes em horas de ponta; até parece que se faz de propósito.

É importante começar a discutir-se para quando se vai conhecer o dito estudo de trânsito encomendado pela Câmara municipal a um gabinete local de projetos porque até agora não é conhecida a divulgação de qualquer trabalho técnico. Na opinião do PSD já se mexeu demasiado no trânsito de Angra com maus resultados e está na hora de se perceber as fundamentações técnicas por detrás desse estudo.

O arquiteto José Parreira ou algum dos seus representantes do seu gabinete de projetos deverão prestar algum tipo de explicação pública acerca do que se está a passar sob pena de se passar a imagem de que o gabinete de projetos foi contratado para assinar o que a Câmara Municipal ou o seu presidente pretendem fazer. Os resultados do estudo técnico só são conhecidos depois das mudanças no trânsito e são tomadas decisões sem que os munícipes percebam as suas fundamentações.

Não foi feita qualquer consulta aos angrenses, mais concretamente aos poucos resistentes heroicos que ainda vivem no centro de Angra, acerca do que pensam para o trânsito da sua cidade. Se queremos trazer mais vida e mais gente para o centro histórico devemos começar por respeitar os que nunca de cá saíram.

Independentemente de se concordar ou não com as motivações, a Câmara Municipal encerrou recentemente ao trânsito a rua da Igreja na Ribeirinha devido à realização de um casamento. O encerramento foi justificado e anunciado em edital, e é assim que deve ser feito, apesar de eu não concordar com a justificação. No entanto, fecha-se a rua em frente aos Paços do Concelho sempre que se pretende sem um edital ou qualquer justificação, assim como também não a houve para a inversão do sentido do trânsito na rua Direita que, a ver pela calçada junto às passadeiras, será definitiva sobretudo porque agora se recorre ao cimento para a fixação das pedras. As questões do trânsito merecem uma explicação e fundamentação técnica por parte do executivo camarário para que os munícipes percebam o que se está a passar.

Falando agora das Sanjoaninas, que devem ser um tema incontornável desta Assembleia Municipal, julgo que pode ser feita uma apreciação globalmente positiva. A cidade esteve em festa com as ruas cheias de gente, o povo divertiu-se e tivemos aparentemente algum turismo que tanta falta nos faz. No entanto, há sempre questões a debater para que se possa sempre fazer melhor.

Para além de ficarmos a aguardar as contas das festas, sabendo que houve despesas alocadas a serviços camarários que não serão contabilizados, julgo que há algumas considerações importantes a fazer.

Foi notória a falta de locução ou outra forma de informação ou explicação para as dezenas de milhar de pessoas que se encontravam na cidade acerca do que se pretendia com o cortejo de abertura. Essa explicação foi dada aos que assistiram à transmissão em direto pela televisão apesar de terem sido mais os que se encontravam na rua do que a assistir pela RTP Açores.

Os desfiles da tauromaquia e do desporto foram silenciosos, quase fúnebres sem uma música de acompanhamento sequer ao longo da rua da Sé e seria de esperar outro tipo de animação, alegria e carinho que não se verificou.

Notou-se alguma falta de voluntários para orientar e coordenar o desfile do desporto que chegou a ser caótico no Alto das Covas porque faltava gente para ordenar a saída dos clubes e das coletividades. Faltaram voluntários nalguns momentos das festas e as pessoas dispersavam à chegada à Praça Velha sem qualquer orientação ou um simples obrigado. Pareceu-me também haver menos clubes e coletividades participantes no desfile do desporto; gostaria de saber se os clubes não quiseram participar ou se não chegaram a ser convidados.

Compreendemos as preocupações com a poupança de energia e o recurso à iluminação com LED's mas julgo que este ano se pôde constatar que a iluminação da cidade durante as festas foi insuficiente sobretudo nas zonas onde não havia cobertura televisiva. Era evidente a iluminação entre a Direção Regional do Desporto mas, da rua do Salinas para baixo, na rua de S. João e na rua Direita, havia zonas muito escuras que não favoreceram as festas.

Penso que deverão ser reequacionados os LED's em branco considerando a possibilidade de uma luz mais amarela para dar outros contornos à cidade que talvez se encontre bem iluminada em termos de voltagem mas possui uma cor mais fria.

Foi grande a procura dos programas das festas na sua versão impressa. O programa era rico, talvez até pecando por excesso com grande diversidade de atividades de qualidade sobrepostas a que as pessoas gostariam de ter tido acesso, mas os programas não se encontravam disponíveis a não ser na página da internet da Câmara.

Sra. d. m. Irina Pimentel: – Bom dia, Exmo. senhor presidente e membros da Mesa, Exmo. senhor presidente da Câmara e senhores vereadores, senhores deputados municipais.

Desejo congratular-me com a Câmara pela concretização bem-sucedida das festas Sanjoaninas 2015. Todos sabemos que as nossas festas pautam pelo programa variado de animação cultural, pela homenagem às tradições e pela alegria de bem receber quem nos visita. As festas Sanjoaninas servem ainda de montra para o melhor que temos: a gastronomia, o desporto, a literatura, as marchas e as exposições entre muitas outras manifestações culturais.

A adesão massiva da nossa comunidade às festas foi a prova evidente do seu sucesso. Após a sua divulgação no continente e na diáspora, as festas foram também sendo promovidas durante o seu decurso com transmissões em direto para canais de televisão como a SIC para a TV Montreal, a TVI, a RTP1, a VITEC e até para um canal alemão, pelo que constatei.

O tema das festas que homenageou os nossos emigrantes foi o mote para a escolha do séquito e para o cortejo de abertura mas era importante que o tema não se ficasse por aí; tivemos também a presença do grupo Los Banos, o grupo luso de emigrantes, a filarmónica de S. José e todos os que acompanharam esses grupos comprovaram a presença esmagadora dos nossos emigrantes nestas festas.

Penso que todos os que passearam na cidade viram caras açorianas, continentais e muita gente da diáspora que nos visitou nesta altura e se destacou na coroação que contou com a presença de 30 impérios, uma tradição muito importante que foi retomada e não se realizava há bastante tempo.

Quanto aos desfiles, apesar de alguns aspetos menos positivos, quem nunca participou na organização de um evento desta dimensão, poderá não ter a noção do trabalho que tudo isto acarreta. É de sublinhar também o respeito pela pontualidade conseguida em cada desfile ao longo dos vários dias de festa. Foi também reforçada a colocação de caixotes de lixo ao longo da cidade, pequenos detalhes que se revelaram de grande importância para um bom ambiente de festa.

Dou ainda destaque a algumas novidades que vimos este ano como a ausência de imposições no fornecimento de produtos às tascas como resultado das políticas de patrocínio, o que proporcionou maior abertura de mercado. Nos anteriores havia patrocínios negociados com determinados fornecedores, fazendo com que os tasqueiros se vissem obrigados a adquirir os seus produtos a preços que, por vezes, não eram os mais convenientes.

A promoção dos restaurantes do centro histórico e das empresas marítimo/turísticas e de animação turística incluídos no programa das festas criou uma atmosfera de turismo ativa e de natureza que uniformizou a oferta de animação por toda a cidade em *wale watching*, passeios pedestres e toda uma série de atividades que constavam do tal programa disponível na internet e em suporte de papel.

O formato da aquisição de bens e serviços para desfiles e decoração que tem sido discutida em anos anteriores, este ano foi praticamente feito na totalidade no comércio local. Foi feito um esforço para que os tecidos e os diversos materiais necessários para os desfiles e para as roupas fossem comprados maioritariamente no comércio local e este esforço financeiro da autarquia terá obtido os seus frutos.

A concessão dos concertos a uma empresa particular é outro aspeto de relevo que pesará no bom resultado das festas porque, para além da redução de custos para a autarquia e da profissionalização dos espetáculos do Bailão, acabou por contribuir para uma maior adesão aos concertos.

Interessante foi também a escolha dos elementos do séquito real das festas deste ano com base, para além da sua beleza, nas suas concretizações profissionais, escolares, desportivas, etc.

Houve uma colaboração entre o município dos moradores do centro histórico da cidade para que trouxessem flores do jardim para as varandas que estavam muito bonitas e achei também interessante a criação de espaços para a inclusão do máximo de entidades possível, nomeadamente o cantinho solidário que permitiu a aquisição de algumas verbas por parte de algumas entidades sem fins lucrativos para dinamizarem os seus projetos e mostrarem os seus trabalhos. Em parceria com o núcleo filatélico foram lançados dois selos e cinco livros, sendo dois da autoria de autores emigrados.

As festas Sanjoaninas deste ano primaram por um programa abrangente com a realização de atividades muito variadas que tentaram tocar um pouco todas as áreas. Não posso deixar de referir o esforço feito para manter a cidade animada com atuações de rua e concertos em vários pontos do centro histórico, assim como a animação infantil que integrou os mais pequenos na festa, mantendo-os interessados e ocupados com desfiles, pinturas, insufláveis, etc.

Todo este trabalho não foi alcançado apenas pelo executivo camarário; esta equipa de funcionários do grupo municipal está também de parabéns a par dos cerca de 150 voluntários que, de uma forma generosa e desinteressada, disponibilizaram o seu tempo para a realização das festas.

Deixo aqui expressa a minha congratulação à Câmara por ter alcançado um resultado de enorme sucesso através de um modelo diferente de gestão sem falhas de maior. Estão todos de parabéns.

Sr. d. m. Manuel Conde Bettencourt: – Bom dia senhor presidente da Assembleia, senhor presidente da Câmara, colegas deputados municipais e público aqui presente.

Peço ao senhor presidente da Câmara que explique a esta Assembleia o que se passa relativamente às decisões de ornamentação das nossas rotundas porque não me revejo na qualidade estética de algumas, nomeadamente a micro rotunda junto à sede da delegação da EDA na Terceira nas avenidas, que tem um murete em pedra a fazer lembrar os nossos muros de cerrados, e a outra junto ao hospital velho. Há para ali uns paralelepípedos em pedra alinhados uns com os outros, o que confunde um pouco o meu sentido estético.

Se o senhor presidente da Câmara me garante que as decisões de ornamentação daquelas rotundas foram tomadas por técnicos credenciados que sabem como as coisas devem ser feitas, eu calo-me e reservo a minha subjetividade negativa na apreciação estética das referidas rotundas; se aquilo foi feito *ad hoc*, recomendo um maior cuidado na ornamentação da nossa cidade porque é visitada por muita gente.

Sr. presidente da Câmara: – Muito bom dia senhor presidente e senhores membros da Assembleia, senhores membros da Câmara. As obras da rotunda da praça de touros implicaram o fecho do trânsito porque o objetivo principal da obra, que ainda não está concretizada, foi a construção de galerias por debaixo da rotunda com vista a eliminar os fios elétricos em torno dos touros. Neste momento, se alguém quiser tirar uma fotografia àquele monumento ficará com um grosso cabo negro na imagem.

Foi preciso abrir os quatro lados da rotunda e criar condições para passar os cabos pela via subterrânea. Foram colocados os negativos e repostado o asfalto no local, falta fazer o resto do trabalho por parte da EDA com a eliminação da instalação aérea e nada disso seria possível sem a interrupção do trânsito.

Foram colocados sinais, até eu passei por um sem reparar que indicava um caminho alternativo e cheguei a uma cerimónia na Praia da Vitória com mais de meia hora de atraso porque fui vítima do engarrafamento.

O estudo de trânsito tem a ver com a criação de condições para o aterro de cabos, o que se tem revelado um pouco mais complexo do que se antevia. Está a ser feito o trabalho técnico, é necessária coordenação entre a equipa técnica do trânsito e a equipa das infraestruturas e será apresentado logo que esteja pronto; já foi discutido com a Câmara do Comércio, com comerciantes, taxistas e várias outras entidades até que seja também discutido por nós.

À semelhança do que tem sido feito nos últimos dois anos, as contas das Sanjoaninas serão imputadas ao centro de custos respetivo que depois será incluído nas nossas contas camarárias e aqui apresentado.

Ainda é muito cedo para lhe dizer quanto custaram as festas mas posso adiantar-lhe que o cabimento de 250 mil euros não foi excedido. Haverá receitas para abater neste valor e tudo será refletido na conta do respetivo custo.

Numa festa tão grande haverá com certeza coisas que não são perfeitas mas lamento dizer-lhe que o senhor foi um bocadinho injusto. À exceção de dois dias em que, por razões familiares não pude participar na festa, todos os desfiles que chegaram à Praça Velha foram recebidos por mim e não sou assim tão magrinho que não me vejam. Quando não pude ali estar, estive o senhor vice-presidente ou a senhora vereadora Raquel em representação da Câmara para receber as pessoas e agradecer a sua participação.

No que toca aos voluntários, a partir de certa altura tivemos que agradecer mas não poderíamos aceitar mais porque este voluntariado implicaria também uma despesa que tinha a ver com as pulseiras de acesso ao recinto do Bailão. Haveria muita mais gente a querer participar na festa mas apenas aceitámos o número que achámos razoável.

Tanto quanto me é dado saber, as transmissões televisivas foram vistas por mais gente de fora do que de cá e a estimativa aproxima-se do meio milhão de telespectadores. A festa foi também feita a pensar na transmissão, o que me leva à questão da iluminação que não foi colocada ao acaso; foi devidamente medida com um luxímetro e eu participei nesse trabalho acompanhando a equipa de medição. Na zona da transmissão televisiva a iluminação estava a 250 Lux no centro da rua com 4200 kelvin nos projetores para um tom um pouco mais amarelado e 5200 Kelvin na iluminação; como as câmaras são ajustadas à luz mais intensa, a iluminação aparece azulada com o ar etéreo que se pretendia.

Nas restantes ruas a intensidade luminosa variava entre os 14 e os 28 Lux ao longo de todo o percurso. Nas zonas de filmagem havia sensivelmente o dobro da intensidade luminosa em relação a anos anteriores. Se olharmos para uma zona mais clara e desviarmos o olhar para zonas menos iluminadas, achamos que estamos às escuras.

Foram impressos 750 exemplares do programa das festas, um valor idêntico ao do ano passado mas acabaram por se esgotar a meio da festa por haver mais gente do que o ano passado. O que sobrou o ano passado, faltou este ano.

Creio que ainda não foram retirados os vários placards existentes ao longo da cidade com o programa impresso. Apostou-se também na divulgação das festas por meios eletrónicos e o programa circulou amplamente por vários lugares. Haveremos de imprimir mais programas para o ano que vem e espero que sejam todos vendidos porque são uma receita razoável.

O que se ganhou com a restauração deu para pagar a totalidade da despesa da música e ainda restou algum lucro. Quero agradecer ao *Armed Forces Entertainment* do Departamento de Defesa dos EUA, o facto de nos ter oferecido o concerto internacional.

Senhor deputado Manuel Conde, vou ter que lhe pedir para se «calar» como o senhor referiu, porque as rotundas foram projetadas por uma arquiteta paisagística devidamente encartada e

com currículo. Não me sei pronunciar se são bonitas ou feias mas estão ali aos olhos de quem as vê.

Sr. d. m. João Santos: – Bom dia senhor presidente da Assembleia e respetiva Mesa, senhor presidente da Câmara e senhores vereadores, caros colegas deputados municipais.

Não tenho as preocupações do senhor deputado Luís Rendeiro relativamente ao trânsito nem sou tão pessimista como ele porque não acredito que se ande à procura de soluções para, deliberadamente, piorar o trânsito em Angra.

A minha opinião relativamente às experiências é também divergente porque as considero toleráveis até determinado ponto e os ensaios são desejáveis em busca de melhores soluções para o trânsito e para quem circula na cidade.

Correndo o risco de ser repetitivo, continuo apreensivo em relação a uma outra questão e pergunto ao senhor presidente da Câmara se há alguma evolução relativamente às paragens e estacionamento na cidade de Angra, além da questão das cargas e descargas que são uma preocupação sua. É que, ao contrário do que diz o senhor deputado Pedro Ferreira, não venho à cidade apenas em dias de Assembleia Municipal e denoto que muitos dos constrangimentos do trânsito são motivados pela circular de Angra onde, felizmente, ainda não se estaciona.

Hoje percorri a rua da Guarita onde havia um carro a descarregar umas coisas à porta da agência funerária, uma carrinha da VIATEL a enfiar uns cabos na rua, alguém supostamente a fazer compras no supermercado Guarita e criou-se ali uma situação complicada de trânsito por causa de três viaturas. Penso que as coisas correriam melhor se as pessoas tivessem mais algum respeito pelas regras instituídas relativamente às cargas e descargas já aqui referidas pelo senhor presidente da Câmara e cujo cumprimento de horários é fácil de constatar, por exemplo, na rua da Sé. O desrespeito pelas regras condiciona a fluidez do trânsito.

Sr. presidente da Câmara: – É extremamente relevante esta questão levantada pelo senhor deputado João Santos. Existe desde os anos 90 um horário de cargas e descargas na nossa cidade que está maioritariamente esquecido e raramente é cumprido mas o problema reside essencialmente na indisciplina dos cidadãos; basta sairmos à rua para vermos carros atravessados nas passadeiras, em cima dos passeios e mal estacionados em locais de extrema perigosidade como é o caso da Silveira em que se circula em contra mão porque há sempre quem pare diante dos cafés que lá existem.

Quem se desloca à farmácia pensa que está isento das regras, por isso para o carro de qualquer maneira mesmo que fique a bloquear o trânsito durante dez minutos. Ao passarmos na rua, pelo local onde os carros estão parados, ficamos a saber qual a farmácia de serviço.

A polícia já foi alertada por diversas vezes em relação a estas e outras situações mas alega falta de pessoal para fazer essa fiscalização que lhe competiria com mais frequência. Temos um conjunto de áreas onde é proibido estacionar e não lembraria a ninguém de perfeito juízo fazê-lo mas acontece quase de forma permanente como é o caso da Silveira onde é provável encontrar um carro estacionado 90% do tempo.

O regulamento de 1990 poderá estar obsoleto e terá que ser revisto um dia por esta Assembleia mas, mais importante do que isso, precisamos de um serviço mais intenso de fiscalização porque a presença da polícia em qualquer lugar do concelho em serviço de trânsito é meramente esporádica.

Note-se o que vai acontecendo aqui na rua ao lado em que, apesar do valor da multa na zona de parquímetro rondar apenas alguns euros, os condutores preferem arriscar o estacionamento em segunda fila onde a multa é de 30 euros porque a probabilidade de serem multados é baixíssima por ser da competência da PSP. Mais vale arriscar os 30 euros em segunda fila onde os homens dos parquímetros não podem atuar com a certeza de que não serão multados.

A cidade de Ponta Delgada criou a polícia municipal para resolver esta situação com as consequências que todos conhecemos. Esta Assembleia terá provavelmente que analisar este problema grave e complicado que eu gostaria de ver resolvido e que tem como obstáculos, a obsolescência do regulamento e a falta de policiamento de trânsito.

Sr. d. m. António Félix Rodrigues: – Muito bom dia, senhor presidente e Exma. Mesa, senhor presidente da Câmara e senhores vereadores, senhoras e senhores deputados municipais, Exmo. público.

Vou intervir a respeito das festas Sanjoaninas numa perspetiva dicotómica sem elogios porque pouco as acompanhei por ser muito complicado para mim; começo bem disposto no primeiro dia e depois as coisas complicam-se drasticamente.

Embora não pareça, para algumas pessoas, as Sanjoaninas são um massacre quase impossível de suportar; é intolerável que sejam permitidos DJ's até às 5 horas da manhã no dia das marchas, à sexta, ao sábado e ao domingo.

Quando se tratava de comissões compostas por voluntários sem qualquer contrato público que se ofereciam para organizar as festas, era muito difícil controlar fosse o que fosse porque as pessoas mudavam de um ano para o outro. Uma vez que a Câmara Municipal assumiu a organização, deve pensar seriamente no cumprimento do regulamento do ruído porque é inadmissível que alguém necessite de fazer fisioterapia e não o consiga durante uma semana por não conseguir dormir.

A privação do sono é algo muito grave. Há quem precise de trabalhar ou estudar durante esses dias e a alegria de uns não pode ser o sofrimento de outros. Assim sendo, é necessário um estudo económico que explique claramente os benefícios económicos resultantes de concertos com DJ's até às 4 ou 5 horas da manhã em detrimento dos enormes sacrifícios de um grande número de moradores das redondezas do cerrado do Bailão.

Por outro lado, parecem-me também pertinentes as questões de higiene durante as festas Sanjoaninas; as tascas não possuem casas de banho suficientes para o movimento anormal que se verifica na cidade durante as festas, todos os parquímetros e recantos se transformam em casas de banho, as portas das casas servem de urinóis e os jardins à volta do Bailão são autênticas sanitas.

Houve algum plano de segurança para as festas? Não vi um único polícia nas ruas nos dois únicos dias em que nelas participei, algo que me parece extremamente preocupante. Se isto continuar assim, tomarei nota dos palavrões que ouço durante toda a noite e vou escrever um livro para que se saiba o que se diz e faz nesta terra; talvez seja uma forma de me divertir com aquilo em vez de ficar chateado.

Sra. d. m. Maria da Graça Silveira: – Bom dia, senhor presidente e restantes membros da Mesa, senhor presidente da Câmara e senhores vereadores, caros colegas deputados municipais e público aqui presente.

Sei que algumas empresas foram convidadas a apresentar orçamentos em relação à obra que vai ser feita no Largo Prior do Crato. Gostaria de questionar o senhor presidente da Câmara sobre as razões pelas quais foi convidada uma empresa especializada em estruturas metálicas, visto que a obra tem essencialmente a ver com asfaltagem e, curiosamente, foi essa a empresa vencedora do concurso. Se o senhor presidente necessitar de alguma informação adicional a respeito dessa empresa, posso fornecê-la.

Sr. presidente da Câmara: – São legítimas as preocupações aqui apresentadas pelo senhor deputado Félix Rodrigues. Colocámos as 2 horas da manhã como o horário limite à festa com exceção das vésperas de feriado e dos fins de semana em que esse limite foi alargado às 4 horas da manhã, à exceção do dia 23 para o dia 24 de junho em que a tradição isenta a rua de S. João dessa limitação.

Há um plano de segurança que foi devidamente acordado com todas as entidades e executado. Felizmente, apesar dos milhares de pessoas que passaram por esta cidade na semana passada não houve um único incidente grave.

Algo terá que ser melhorado no que respeita à higiene que é particularmente lamentável. As pessoas permanecem na rua depois dos concertos e não é possível fazê-las desaparecer instantaneamente. Foram colocadas casas de banho em alguns locais mas ao longo da noite há muita gente que já não está em condições de as procurar.

Este ano fizemos um investimento grande com uma enorme redução da quantidade de lixo pelo chão mas, mesmo assim, teremos que considerar a colocação de casas de banho portáteis em mais sítios até porque a festa também se vai deslocando nesta direção em vez de se concentrar no Bailão.

Numa festa em que o álcool circula com a profusão que todos conhecemos, nem tudo é perfeito mas aproveito para louvar e agradecer o esforço da equipa da Câmara que iniciava a limpeza imediatamente após a festa, mantendo a cidade completamente limpa logo pela manhã. Os homens da limpeza fizeram um trabalho diário notável com a recolha de lixo e a lavagem das ruas.

Em resposta à senhora deputada Graça Silveira a respeito da obra do largo Prior do Crato, confesso que não sei que empresas foram consultadas mas acabei de receber a informação que ainda não se fez sequer o relatório da análise das propostas e não podemos dizer a quem a obra foi adjudicada. Normalmente é feito o convite a todas as empresas sediadas no concelho com um determinado alvará. Como decorrência da lei, a obra não pode ser adjudicada a uma empresa que não possua o alvará respetivo, ou seja, se a empresa possuir apenas um alvará para metais não poderá proceder a asfaltagens. Mesmo que se trate de uma empresa conhecida pelo seu trabalho em metais ou outra coisa qualquer, se recebeu o convite é porque possui o respetivo alvará.

D – PERÍODO DA ORDEM DO DIA

1 – DA CÂMARA MUNICIPAL

1.1 – Informação do Senhor Presidente da Câmara Municipal relativa à atividade municipal desenvolvida durante o período de 11 de abril a 12 de junho de 2015, bem como informação sobre a situação financeira da Câmara, nos termos da alínea c) do n.º 2 do artigo 25.º da Lei n.º 75/2013 de 12 de setembro, para apreciação.

Sr. presidente da Câmara: – Esta reunião da Assembleia está a decorrer relativamente próxima da última e não aconteceram coisas de grande vulto durante este período mas gostaria de prestar informações sobre o andamento dos investimentos municipais e dizer-vos que as obras estão a decorrer com toda a normalidade.

Como podem ver terminou o restauro do edifício dos Paços do Concelho, faltando apenas os cortinados na sala de sessões aqui ao lado. Esta sala foi restaurada e redecorada, faltando colocar aqui e na sala de sessões uns filtros de ultra violeta nas janelas para evitar a descoloração do tecido da parede.

As obras do Porto Judeu foram inauguradas e encontram-se em pleno funcionamento. Estão também a decorrer com toda a normalidade as duas empreitadas em curso das obras de estrada e já foram ultrapassadas as dificuldades que se verificavam na última sessão da Assembleia decorrentes do infeliz acidente que aconteceu na Feteira.

Está a ser iniciada a substituição da adutora que abastece a freguesia de S. Mateus e parte da freguesia de S. Bartolomeu mas ficaremos com o abastecimento de água substancialmente reforçado e mais seguro a estas duas freguesias.

Esta obra, cujo início se prevê para esta ou para a próxima semana, permitirá colocar em pleno uso o novo reservatório que foi construído na parte alta da Terra Chã, implicando a abertura de uma vala e a substituição do pavimento ao longo de toda a Canada de Belém. Em S. Bartolomeu a obra está em curso e espera-se a sua conclusão até ao final do verão.

Nesta altura já foram feitas cerca de 60% das estradas, faltando apenas um trabalho que apresenta algumas dificuldades dentro da zona urbana naquelas ruas em torno do Solar dos Remédios que serão intervencionadas a seguir o que causará alguma perturbação inevitável por se tratar de uma zona densamente habitada.

Está concluída toda a parte oeste do concelho no que respeita ao arranjo de sobras com os trabalhos a decorrer no Posto Santo e prosseguirão em direção à zona leste ao longo dos próximos meses.

Estimamos que aqueles bocados de terreno por asfaltar diante de novas construções até S. Sebastião estejam concluídas no fim do verão e teremos grandes dificuldades na execução de parte do plano deste ano porque ainda não foi aberto o concurso para o financiamento comunitário para a maior parte das áreas. Estamos a meio do ano, ainda não foram publicados os respetivos editais, não pudemos começar a usar verbas do novo quadro comunitário mas esperamos que essa matéria seja rapidamente ultrapassada.

A situação financeira da autarquia mantém-se estável sem qualquer dificuldade em particular. Continua a verificar-se alguma diminuição na receita, particularmente nas questões relacionadas com as transferências do Estado, mas esperamos que o assunto se resolva ao longo dos próximos meses.

É importante que a Assembleia tome conhecimento de um problema que tem a ver com a nossa excedência em relação ao orçamento de Estado referente às despesas com pessoal. De uma maneira injusta, o OE deste ano estabelece que as câmaras em desequilíbrio financeiro terão que fazer uma redução de 3% no número de trabalhadores sem falar no respetivo quantitativo.

As câmaras equilibradas financeiramente com a nossa não poderão aumentar a despesa com pessoal quando ela exceda os 35% da receita corrente; ora, acontece que a nossa despesa com pessoal excede esse valor devido à incorporação nos quadros do município do pessoal da ex-Culturanga. Ficamos assim impedidos de fazer qualquer contratação de pessoal para a Câmara o que não é propriamente uma desgraça.

Desconheço as normas do OE do ano que vem mas a prudência desaconselha aumentos da despesa com pessoal o que nos obriga a uma política muito restritiva de contratações no município ao longo da próxima década porque a excedência em relação aos 35% é de 1, 7 milhões.

Sr. presidente da Mesa: – Senhor presidente, permita-me felicitar a Câmara pela obra realizada nesta sala de visitas e na sala de sessões; penso que todos estamos cientes da melhoria das condições de trabalho.

Assisti às festas da varanda da Câmara dado que não podia circular livremente pela cidade devido à intervenção cirúrgica a que fui submetido. Tive a oportunidade de receber aqui muita gente e testemunhar os imensos elogios feitos a esta sala e à Câmara Municipal no seu todo. Já agora, aproveito para agradecer à doutora Marília o trabalho que lhe dei.

Sr. d. m. Péricles Ortins: – Cumprimento o senhor presidente da Assembleia, a Exma. Câmara e o senhor presidente e os colegas deputados municipais. Quero também felicitar a Câmara Municipal e dizer que gosto muito da recuperação do salão nobre e da sala de sessões e das obras de restauro a decorrer no edifício. Parabéns.

Expresso também aqui a minha preocupação pela forma como o trânsito está a evoluir na cidade que, quanto a mim não será fácil de resolver mas o estudo de trânsito é importante. Apesar de reconhecer que não se trata de uma tarefa fácil, disponibilizo-me para ajudar se assim o entenderem.

Quanto ao estacionamento, é sem dúvida mais fácil estacionar onde é proibido. Como chego cedo ao meu trabalho tenho sempre lugar para estacionar e a partir das 08h01m já há gente à espera dos que estão a chegar ou ainda não saíram de casa. Não sei para onde embarcaram os agentes da PSP que fiscalizavam os parquímetros porque não os vejo na cidade.

A iluminação do centro da cidade não é tarefa fácil. Não sei o que pensará a Câmara a respeito do incentivo de alguma iluminação publicitária dentro de determinados parâmetros, o que permitiria alguma alegria e cor na zona central da cidade. Não sei se alguém já terá pensado na ideia mas fica aqui a sugestão.

Por último, expresso aqui a minha preocupação a respeito do antigo hospital que parece estar a transformar-se num edifício do pós guerra com janelas abertas e vidros partidos, por isso pergunto ao senhor presidente da Câmara se nos pode dar alguma informação a respeito do futuro daquela estrutura.

Sr. presidente da Câmara: – Concordo na generalidade com o que foi dito pelo senhor deputado Péricles Ortins. O novo regulamento de publicidade recentemente aprovado veio simplificar essa matéria, embora continuemos com um conjunto de restrições na zona classificada devido ao Plano de Pormenor e Salvaguarda que é bastante restritivo em relação ao tipo de anúncios, proibindo terminantemente aqueles com iluminação direta. Os anúncios não podem conter luz própria interior e só poderão ser iluminados por focos externos.

Tudo isto tem a ver com a cor da luz que atualmente é ligeiramente mais quente do que as anteriores lâmpadas de vapor de mercúrio que rondavam os 5 700 Kelvin, enquanto estas se situam nos 5 000 Kelvin. Como estávamos habituados a cerca de uma década de iluminação amarela de vapor de sódio, acabamos por estranhar a cor atual.

A União Europeia proibiu as lâmpadas de vapor de mercúrio por razões ambientais e de saúde, não houve outro remédio, senão substituí-las por lâmpadas de vapor de sódio com aquela cor de 4 200 kelvin e agora teremos que fazer o percurso inverso.

Embora seja possível a construção de LED's com diferentes cores, é muito difícil conseguí-los com aquela cor porque os amarelos são demasiado amarelos. Poder-se-ia colocar um vidro colorido diante do LED, o que destruiria a poupança de energia, porque a produtividade luminosa cairia para valor igual às lâmpadas de vapor de sódio.

As melhores lâmpadas de vapor de sódio situam-se na casa dos 90 Lux por Watt em termos de produção e os LED's que temos na rua produzem cerca de 124 Lux por Watt. A diferença não é assim tão grande mas as outras lâmpadas perdem uma boa parte da intensidade luminosa no vidro que as protege e grande parte da poupança resulta da eliminação do filtro de vidro.

Uma questão muito prezada na técnica de iluminação pública é o CRI (Coeficiente de Restituição da Cor). Estes LED's têm um coeficiente de 85% enquanto o CRI das melhores lâmpadas de vapor de sódio se situa na casa dos 40% e as menos boas, as que temos na rua, possuem um coeficiente de 35%.

Em suma, não é possível conciliar poupança de luz com a restituição de cor adequada com uma coloração mais quente, por isso a iluminação está otimizada do ponto de vista técnico,

tratando-se apenas de uma questão de hábito e a verdade é que muita gente prefere a luz branca.

Um lugar ótimo para se comparar a restituição da cor e a iluminância é o canto ao pé da rua da Palha em que, olhando para a rua da Sé, se vê um eixo em branco e olhando para os lados da rua do Palácio ou para baixo vemos um eixo em amarelo com a mesma intensidade de luz. Os nossos olhos são mais sensíveis a este branco que é mais próximo da luz do sol do que ao amarelo que é entendido pelas pessoas como menos luz. Há aqui um conjunto de questões de natureza fisiológica e técnica que não permitem melhor solução.

O edifício do antigo hospital é uma das grandes preocupações da nossa cidade. Temos estado em contacto com a empresa proprietária que nos apresentou na semana passada uma proposta de solução do ponto de vista da reutilização do edifício e de uma solução financeira que agora precisa de ser negociada com várias entidades e estão previstas algumas reuniões sobre essa matéria ao longo das próximas semanas.

O custo do imóvel caiu. Estão a fazer um desconto de 90% em relação ao valor do prédio mas o custo do investimento na sua recuperação é muito superior ao valor da aquisição. A demolição será sempre uma solução, à semelhança do que está a acontecer com os celeiros mas isso implica uma perda enorme para o património público porque o edifício ainda tem um valor residual muito elevado e pode ter muito uso futuro. Se a situação se mantiver por muito mais tempo, aquela estrutura irá transformar-se num enorme foco de degradação daquela zona da cidade. O problema é o financiamento porque são precisos uns milhões.

Sra. d. m. Rita Andrade: – Bom dia senhor presidente e restante Mesa, senhor presidente da Câmara e senhores vereadores, senhores deputados municipais e Exmo. público. Para não variar, a comunicação social não está presente.

Verificamos que há uma variação positiva na receita, principalmente devida a impostos diretos. Pergunto ao senhor presidente se a Câmara está a conseguir cobrar algumas dívidas em atraso e qual a justificação para esta variação de cerca de 900 mil euros em impostos diretos. No inverso, há uma variação negativa mais uma vez devida às despesas de bens de capital de investimento que têm efeitos na economia.

Relativamente ao balancete das GOP, ressalvo que já se iniciou a época balnear e podemos verificar que está apenas referenciada a recuperação na baía da Salga. Obtive a informação que foram feitas intervenções nos balneários, no bar e ao nível de alguma pintura e os pavimentos da Salga e da Silveira continuam sem qualquer intervenção.

Sr. presidente da Câmara: – O aumento dos impostos diretos tem a ver com o ritmo irregular das transferências do Orçamento de Estado que varia ao longo do ano em função da gestão da tesouraria pública. Infelizmente, não há grande recuperação de dívidas porque a maior parte se deve a questões de insolvência ou são incobráveis pelas mais variadas razões.

A execução da despesa tem a ver com o que vos disse há pouco, porque ainda não nos foi possível nenhuma candidatura validada e assim iniciar a execução do novo quadro comunitário.

Foram pintadas e arrançadas todas as zonas balneares com os meios próprios da Câmara, o que será repercutido no centro de custos respetivo. São necessárias intervenções nos pavimentos de quatro zonas, o que só poderá ser feito na próxima primavera. Foram reparados os pavimentos que se encontravam em piores condições e as restantes intervenções feitas de forma faseada porque a isso obriga a boa gestão dos nossos recursos.

Ao contrário do que aconteceu no inverno anterior, o ano passado não tivemos grandes danos causados pelo mar. Os únicos estragos aconteceram no Negrito e foram integralmente recuperados. As Cinco Ribeiras ficaram em muito bom estado, no próximo inverno investiremos na Silveira e no Refugio e a Salga encontra-se em obras.

Sr. d. m. João Tavares: – Muito bom dia senhor presidente da Mesa, senhor presidente da Câmara e senhores vereadores, senhores deputados municipais.

Intervenho para agradecer à Câmara Municipal todo o seu empenho no acompanhamento das obras de recuperação da Grota do Tapete, da Ribeira do Teste, da ligação do troço da Ponta Gorda com a Canada da Barata e pelo restabelecimento do abastecimento de água àquela zona.

Sr. presidente da Câmara: – Agradeço as palavras do senhor presidente da Junta de Freguesia do Porto Judeu onde foi feito um investimento de cerca de 2,5 milhões de euros na rede viária e na segurança de pessoas e bens nas duas ribeiras, o que se traduziu na melhoria muito significativa do ordenamento daquela freguesia no que respeita ao abastecimento de água e na segurança contra cheias. Esta zona crítica em termos de cheias ficou bastante melhorada e esperemos que seja feito o mesmo na obra que o Governo Regional tem em vista para a freguesia de S. Bento que é uma das nossas prioridades.

Sr. d. m. Manuel Conde Bettencourt: – Senhor presidente da Câmara, não faz parte da minha natureza nem do meu código genético, calar-me, muito menos no exercício da função de deputado municipal...

Sr. presidente da Câmara: – Foi o senhor que se ofereceu.

Sr. d. m. Manuel Conde Bettencourt: – E o senhor aproveitou generosamente a sugestão. Compreendo que às vezes o senhor não goste de me ouvir mas não gosto de me calar, às vezes também não gosto de algumas coisas que diz e fico muito triste pelo facto de as soluções encontradas para as rotundas que aqui citei no período de antes da ordem do dia terem sido validadas por um técnico especializado.

Passando a outras coisas de interesse, como foi aqui referido pelo senhor deputado Péricles Ortins, este salão foi muitíssimo bem recuperado, ornamentado, é digno, tem qualidade, merece o louvor de todos e aqui não há tristezas de ninguém. Quando há qualidade, todos a reconhecemos e aprovamos e até esquecemos o critério da subjetividade que é usado para se defender o indefensável.

Sr. d. m. Luís Rendeiro: – Perante as questões colocadas não podemos apenas fazer de contas que está tudo bem e todas as decisões da Câmara estão certas. Houve um mau planeamento nas obras junto à rotunda da praça de touros, quer em termos do horário de execução, quer da forma como tudo foi feito recorrendo ao encerramento total de todos os acessos à rotunda. O senhor presidente certamente manterá a sua opinião mas compete-nos expressar a nossa e trazer aqui as queixas legítimas dos munícipes porque a obra poderia ter sido realizada de forma faseada para não causar tantos transtornos. Continuamos a achar que aquilo correu muito mal e houve mau planeamento.

A colocação de cabos negativos ou outras estruturas no subsolo não tem nada a ver com as opções que estão a ser tomadas a respeito de abertura e encerramento de ruas e inversão do sentido do trânsito. São opções da Câmara cujas fundamentações técnicas gostaríamos de conhecer, caso contrário, nada mais são do que decisões políticas perfeitamente legítimas assim como legítima é a nossa crítica e denúncia em nome daqueles que a nós recorrem como seus legítimos representantes.

Não creio que o estudo de trânsito que estará a ser executado deva ser secreto porque não se vê qualquer nota pública nem foi debatido perante a nossa sociedade ou na comunicação social.

No que respeita às questões de fiscalização, de policiamento do estacionamento e do cumprimento da lei, da ordem pública e da higiene, Angra não tem um policiamento municipal porque os executivos socialistas não querem.

Se a PSP está a falhar no cumprimento das suas funções, está na hora de a Câmara prestar atenção a algumas propostas da oposição apresentadas na Assembleia Municipal e equacionar o que já se faz noutras cidades da região como Ponta Delgada, cuja polícia municipal faz cumprir a lei, ao contrário do que faz a PSP em Angra, seja por falta de efetivos ou por outra razão qualquer. Dantes víamos uns *policiazinhos* na rua e agora apenas vemos os cobradores de parquímetros mesmo quando não os queremos ver e até nos veem quando não os vemos, o que é ainda pior.

Quanto às Sanjoaninas, continuo a achar que faltaram voluntários em alguns desfiles, faltaram também pulseiras, além dos já referidos programas das festas e seria importante saber-se se houve um plano de segurança com a PSP.

Quanto à receção dos desfiles, terá sido falha minha mas, sou presidente de um clube, participei no desfile do desporto assim como a senhora deputada Marília Vargas, não havia ninguém para receber as pessoas na Praça Velha e espero que isso se tenha passado apenas connosco.

Sr. presidente da Câmara: – Dei um beijinho à senhora deputada e deveria ter-lhe dado um também a si.

Sr. d. m. Luís Rendeiro: – Falando agora da escola do Alto das Covas e para que o senhor presidente da Câmara não volte a apelidar uma questão tão importante como um assunto de verão, entendemos que as obras nas escolas devem ser feitas nos períodos de férias. O grupo municipal do PSD regista as obras de pintura que vão ser realizadas naquela escola que continua a precisar de uma intervenção urgente na sua cobertura devido às térmitas, às infiltrações e à presença de amianto.

Houve um abaixo-assinado com a recolha de milhares de assinaturas que passou pela cidade e foi debatido na Assembleia Legislativa Regional. O senhor Secretário Regional confirmou mais uma vez que não havia motivos para o encerramento daquela escola mas compete à Câmara a realização de obras nos edifícios escolares do 1º ciclo do ensino básico e aquele está a necessitar de intervenções urgentes porque queremos que se leccione ali com as condições ideais sem qualquer desculpa de falta de condições.

Congratulamo-nos com a boa notícia da aquisição do hotel da Serretinha por parte do fundo Discovery que também adquiriu outras unidades hoteleiras em S. Miguel, gostaríamos de saber se existe uma data para a sua reabertura e relembramos a necessidade de melhoramento das acessibilidades àquela fajã e ao hotel. Os autocarros não vão lá, a acessibilidade é difícil, deve ser equacionada a requalificação daquela orla marítima e da zona balnear e julgo terem existido no passado várias ideias e projetos meritórios oriundos de todas as forças políticas merecedoras de atenção por parte da autarquia e do Governo Regional.

Gostaria de voltar a abordar aqui a questão dos edifícios em ruínas no centro de Angra, como o antigo hospital e a antiga fábrica da ELA na Grota do Vale que são os casos mais dramáticos. Alguns espaços devolutos foram carinhosamente utilizados como tascas durante as Sanjoaninas mas é preciso não desistir na busca de soluções para essas ruínas do centro da cidade que apresentam alguma perigosidade.

Concordo com o que aqui foi dito a respeito do resultado final apelativo da intervenção realizada no salão nobre e na sala de sessões mas não podemos esquecer que houve um ajuste direto com uma despesa muito significativa e outros comerciantes da área terão apresentado outras propostas com melhores preços para o mesmo resultado final. Pergunto porque não se recorreu a empresas locais para a recuperação da talha dourada visto que foi aplicado um novo dourado sobre o existente.

Segundo soube, o trabalho terá sido dado à fundação Ricardo Espírito Santo, (arrepio-me com tudo o que me faz lembrar este grupo), e gostaria de conhecer os critérios de recuperação deste espaço que obteve um resultado final apelativo mas as coisas não se podem fazer a qualquer custo.

Gostaria que o senhor presidente da Câmara nos fizesse o ponto da situação e prestasse mais informações relativas à obra do pavilhão do Posto Santo, que nasceu torta e se vai arrastando, mas esperemos que se endireite e conclua, e também relativamente à obra da escola de Santa Bárbara, sabendo-se que há um problema cada vez mais gritante da falta de alunos para lá colocar.

Para concluir, gostaria de saber se foi da Câmara Municipal ou do Governo regional a responsabilidade pela animação do desfile de abertura dos Jogos das Ilhas, um evento internacional que aconteceu no concelho de Angra com a presença de comitivas de outras regiões e países, que merecia um pouco mais do que um grupo que faz batuques recorrendo a lixo, apesar de lhes reconhecer o mérito. Achei pobre e julgo que o evento merecia outra dignidade e enquadramento porque não foi compreendido pelos intervenientes e comitivas das outras ilhas dos Açores e de outras regiões europeias aqui presentes.

Sr. presidente da Câmara: – A obra do pavilhão do Posto Santo foi interrompida por razões técnicas e encontrou-se a solução que foi validada por quem de direito. Tanto quanto sei, a obra está com a suspensão levantada, o empreiteiro apenas aguarda pela empresa que virá colocar o revestimento a devido tempo e os problemas foram totalmente ultrapassados sem qualquer aumento de custos para o município. A obra da escola de Santa Bárbara também decorre com toda a normalidade e felizmente aproxima-se do fim.

Há um projeto de arquitetura com vista à recuperação do edifício da antiga ELA que se encontra na posse da entidade bancária dona do imóvel. Se não for encontrada uma solução, provavelmente proceder-se-á à sua demolição.

Já nos debruçámos por várias vezes sobre a zona da Serretinha que apresenta grandes problemas de acessibilidade porque cresceu de forma absolutamente desordenada e muito complicada de corrigir. Existem problemas de estabilidade de algumas vias com paredes a cair constantemente e é uma das zonas mais problemáticas do concelho do ponto de vista do ordenamento do território.

Como a construção está muito densa, é muito difícil criar qualquer eixo alternativo porque esbarrará sempre na casa de alguém, há um declive desfavorável e um conjunto de problemas geotécnicos muito complexos. O assunto não está esquecido e vamos tentar encontrar uma solução adequada.

No que respeita às questões de fiscalização, se tivéssemos condições para isso, deveríamos criar uma polícia municipal mas não o podemos fazer pelas razões que vos expliquei há pouco, ou seja, não podemos admitir nem mais um funcionário. Enquanto se mantiverem as atuais restrições aos municípios, não é possível qualquer iniciativa nesse sentido. Quando a situação legal e financeira se alterar voltaremos a discutir o assunto.

A fundamentação do trânsito foi discutida com as diversas entidades tendo eu participado em algumas dessas reuniões e existem questões de opinião que não estão devidamente resolvidas referentes ao reperfilamento da própria rua.

Este estudo indicou que o estudo anterior da altura em que o seu partido estava no governo estava muito bem feito e todos os dados apontam para a sua revalidação. O estudo foi elaborado por um professor do instituto superior técnico no início da década de 90 que fez um excelente trabalho. O estudo atual revalida as opções da altura e foi pena que o anterior tivesse ficado na gaveta sem que tivesse sido executado.

Há questões relacionadas com larguras de passeios, colocação de caixas de visita e outros problemas que precisam ser resolvidos porque o estudo não consiste apenas em colocar setas para baixo e para cima no mapa da cidade; envolve também soluções para pavimentos, acessibilidade a pessoas com mobilidade reduzida, segurança na circulação, meios de evitar abusos no estacionamento, etc. Até agora foi-me apresentado um excelente trabalho, esperemos pelo produto final a devido tempo.

Quanto aos desfiles das Sanjoaninas, volto a repetir que, à exceção dos dois dias em que não pude participar na festa, recebi todas as pessoas que chegaram à praça velha incluindo o desfile do desporto e tenho pena que o senhor deputado não me tenha visto.

Sra. d. m. Maria da Graça Silveira: – Senhor presidente da Mesa, senhor presidente da Câmara e executivo camarário, senhores deputados municipais, muito bom dia.

Estou de acordo com o senhor deputado João Santos porque os ensaios são desejáveis mas, não vossa opinião, só o são quando resultam de experiências *ad hoc*. Parece que os ensaios constantes dos encargos das obras municipais já não são assim tão importantes porque no caderno de encargos constava um ensaio de carga preliminar à obra da rua Direita.

Gostaria de saber onde foi feito esse ensaio, tendo em atenção que um dos grandes problemas daquela rua se prendia com abatimentos, o espaço entre os paralelepípedos é enorme e toda a gente duvida que aquela calçada se aguarde nos próximos anos. Se necessário for, faremos um requerimento à Câmara para apresentar os respetivos resultados.

Sr. presidente da Câmara: – Todos os ensaios previstos referentes à obra da rua Direita foram devidamente executados, eu estive no local e vi os resultados. Foram feitos ensaios de compactação ao longo de toda a rua. O espaçamento entre a calçada deveria ter um mínimo de 2,5 cm para evitar que a expansão do basalto no verão quebrasse o cimento. Infelizmente a calçada ficou demasiado próxima porque os calceteiros têm a tendência de aproximar em vez de afastar as pedras.

O teste verdadeiro sobre a estabilidade da calçada não tem a ver com os abatimentos que não vão acontecer, mas sim com o calor. Só no fim do verão é que saberemos se a solução foi adequada porque há um sério risco de algumas pedras da calçada partirem o cimento ao expandirem.

Foi executado o que estava previsto no caderno de encargos. Se a senhora deputada quiser falar com o engenheiro Artur Gonçalves que acompanhou a obra, faça favor de se deslocar ao andar de baixo.

Não vale a pena vir com ameaças porque não sou um pequeno dessa idade. Vamos começar a falar a sério porque não há paciência para estas linguagens! Esta Câmara não vive dessas coisinhas e não vou por aí! Quando a senhora deputada quiser, ser-lhe-á mostrado tudo o que há para mostrar e não lhe fica bem essa desconfiança em relação aos empreiteiros e a quem faz as obras porque a obra foi corretamente executada e acompanhada por quem o sabe fazer.

Sra. d. m. Marília Vargas: – Senhor presidente e membros da Mesa, senhor presidente da Câmara e senhores vereadores, caros colegas, bom dia a todos. Agradeço as amáveis palavras do doutor Ricardo Barros, totalmente desnecessárias porque fiz simplesmente o meu trabalho, mas é gratificante ver a satisfação dos nossos utentes.

Quero felicitar a Câmara pela organização das festas Sanjoaninas que, na minha opinião, correram muito bem e tanto o senhor presidente da Câmara como os senhores vereadores estiveram presentes. Também participei no desfile do desporto na mesma parte que o senhor deputado Luís Rendeiro em representação do Clube de Judo de Angra do Heroísmo e fui recebida pelo senhor presidente da Câmara, pelo senhor vereador Guido Teles e pelo senhor Rui Ataíde à chegada à praça velha.

Sr. d. m. Luís Rendeiro: – Foi bom que a senhora deputada tivesse sido recebida mas lamento que a direção do clube não o tenha sido; o Partido Socialista procura os seus.

Sra. d. m. Marília Vargas: – Não concordo e tenho pena que veja as coisas dessa maneira.

Sr. d. m. António Toste: – Concordo com a falta de policiamento que se verifica também nas freguesias, incluindo a Ribeirinha. Penso que não deve ser a Câmara a assumir a despesa de uma polícia municipal por ser uma responsabilidade da república.

Sugiro ao senhor deputado Artur Lima, que se está a rir para mim, que convençamos o Governo da República a reforçar o policiamento e lembro que a estrada da Adelaide na Serretinha tem 17 anos, foi construída muito antes do nome que o senhor referiu e, que eu saiba, ninguém a criticou na altura. É muito mais fácil criticar 17 anos depois e dizer que tudo está mal, porque os senhores não fazem obras. As críticas são bem-vindas mas há que reconhecer o trabalho que vai sendo feito.

Para mim as Sanjoaninas foram um sucesso, apesar de uma ou outra pequena questão que possa ter corrido menos bem. A festa deve ser projetada e organizada para quem nela participa. É de enaltecer o trabalho do senhor presidente da Câmara, do senhor vice-presidente e da restante vereação e de todos os que andaram de mangas arregaçadas nas ruas ou na Câmara Municipal a receber as pessoas.

Ninguém consegue participar na festa 24 sobre 24 horas, tem que se ausentar por esta ou aquela razão e é caricato pensar-se que não se recebeu alguém por ser deste ou daquele partido. Tivemos uma grande festa com muita gente na cidade, os de cá e os milhares que vieram de fora.

Na sessão anterior da Assembleia Municipal em S. Mateus foram feitas enormes críticas à Câmara por falta disto ou daquilo, que as festas não iriam prestar para coisa nenhuma e essas pessoas agora não falam; não são capazes de dar o braço a torcer e reconhecer que as festas foram um sucesso.

O que a oposição queria é que a festa corresse mal para falarem mal da Câmara de cima a baixo, o que é lamentável. Arranjaram pequenas coisas para criticar e nunca foram capazes de reconhecer o excelente trabalho na realização das festas, o melhor que tivemos nos últimos anos.

Senhora deputada Graça, depois falo consigo do lado de fora da porta. Lá fora, mas com todo o respeito que lhe tenho; não pretendo ser mal interpretado pelo que disse.

Sr. d. m. Pedro Ferreira: – Bom dia senhor presidente da Mesa, senhor presidente da Câmara e senhores vereadores, senhoras e senhores deputados. O senhor deputado António Toste estava com vontade de me ouvir porque fui eu que critiquei algumas coisas relativamente às Sanjoaninas na última reunião da Assembleia Municipal. O que tenho para lhe dizer é que não me congratulo com a realização das festas e estou ansiosamente à espera dos seus resultados financeiros.

Senhor presidente da Assembleia Municipal, sem fazer qualquer tradução, visto que as traduções estão na moda, à semelhança do que foi feito a respeito da construção da central de valorização de resíduos, gostaria que esta Assembleia Municipal fizesse uma visita às instalações da escola Infante D. Henrique no Alto das Covas para que se acabe de uma vez por todas com adjetivos mais ou menos felizes e considerações políticas mais ou menos de verão.

Devemos visitar a escola e tomar conhecimento das suas condições para sabermos se deverá ser pintada apenas por fora ou também por dentro. Deixo esta sugestão ao senhor presidente da Mesa, sabendo que a tomará em boa consideração.

Começo a ficar preocupado, não apenas pela demolição do futuro de Angra que se tem falado hoje aqui mas também pela sua desertificação porque temos vindo a assistir a um conjunto de decisões que levam a um afastamento cada vez maior das pessoas do centro da cidade. Deita-se abaixo para se fazer um parque de estacionamento e retira-se o mercado e os autocarros do centro para a periferia da cidade. Há pouco, em jeito de brincadeira, dizia-se que só faltava estacionar na circular mas deve faltar pouco para que tal aconteça.

Devemos começar a pensar no que pretendemos para Angra porque, independentemente de alterarmos o sentido de trânsito nas ruas ou as fecharmos com mais ou menos editais, é preciso que a cidade volte a ganhar vida.

Sabendo-se que a Câmara de Angra participou com 2,5 milhões de euros nas obras do Porto Judeu, gostaria que o senhor presidente da Câmara nos informasse qual o valor que coube ao Governo Regional.

Voltando à questão do estacionamento e dos circuitos dos mini autocarros do hotel e da zona balnear, como sabe e critica o senhor deputado João Santos, é praticamente impossível estacionar em Angra ou somos multados antes de colocar a moeda no parquímetro, o que dissuade qualquer um de vir ao centro da cidade fazer o que quer que seja.

Incentivamos as pessoas a deixarem as viaturas nas periferias e a utilizarem os mini autocarros mas ficam na paragem à espera do próximo porque este já vem cheio de turistas, crianças e idosos.

Como os mini autocarros circulam à porta dos hotéis e das zonas balneares, sugiro que...

Sr. presidente da Câmara: – Não circulam também à porta do hospital, senhor deputado? Isso é patético!...

Sr. d. m. Pedro Ferreira: – Patético é pedirmos aos trabalhadores do centro de Angra que esperem pelo próximo autocarro que só passará dali a 25 minutos, dando-se preferência a um negócio da EVT que cobra ao angrense e à Câmara Municipal. Há de haver maneira de ser dada prioridade sobre qualquer turista, a quem estacione a sua viatura nos parques periféricos da cidade e necessite de circular nos mini autocarros para trabalhar ou fazer outra qualquer coisa útil no centro da cidade.

Sr. presidente da Câmara: – Depois da redação sobre as Sanjoaninas que ouvimos ler na última sessão da Assembleia, não esperaria nada melhor e não o foi. O senhor deputado fala de desertificação mas há muitos anos que a cidade não tinha tanta vida; se o senhor deputado quiser, vá à janela, olhe para a rua da Sé e veja quantas pessoas lá estão.

Angra está com imenso movimento que acabou por influenciar a lotação dos mini autocarros. A intervenção do senhor deputado é um paradoxo; por um lado, o senhor diz que não há ninguém na cidade, por outro afirma que não há lugar nos mini autocarros, defende que a cidade precisa de turistas e queixa-se que eles ocupam os autocarros.

Para grande satisfação dos angrenses, o serviço de mini bus foi alargado a Santa Luzia e ao Lameirinho, duas áreas críticas da nossa cidade devido ao relevo e à sua população mais pobre e mais idosa. Infelizmente, os mini bus têm uma afluência reduzida durante a maior parte do ano e agora encontram-se cheios devido ao aumento da atividade na cidade.

A EVT cobra à Câmara Municipal em função do número de passageiros transportados e a lógica de negócio dessa empresa levará ao aumento de carreiras sempre que o número de passageiros o justifique. No anterior contrato havia uma prestação fixa independentemente do número de passageiros, a Câmara pagava mesmo que os autocarros circulassem vazios e nesta altura apenas damos uma ajuda em função dos bilhetes e passes vendidos.

Maximizando o número de passageiros, a empresa aumenta as suas receitas e aproveitamento ainda para lhe dizer que os custos para a Câmara caíram para cerca de metade. Estamos a pagar

menos com um serviço melhor, cobrindo novas zonas da cidade e levando o mini bus à porta do hospital.

No que respeita às obras do Porto Judeu, francamente não sei quanto o Governo Regional lá gastou por se tratar de um acordo anterior à minha presidência e eu apenas sabia o que a Câmara teria que fazer.

Sr. d. m. José Santos: – Bom dia senhor presidente da Mesa, senhor presidente da Câmara e senhores vereadores, senhoras e senhores deputados. Na sequência do que disse o deputado António Toste, tive a oportunidade de contactar com grupos de emigrantes dos Estados Unidos e do Canadá, nomeadamente o grupo de Gustine, a banda de S. José e os amigos da ilha Terceira em Pawtucket e todos foram unânimes em afirmar que nunca viram uma festa tão bonita e bem organizada.

Na última reunião desta Assembleia o senhor deputado Pedro Ferreira afirmou que as festas não estariam a ser devidamente divulgadas no Canadá e nos Estados Unidos mas tivemos a prova do contrário. Talvez pensasse que não haveria publicidade pelo facto de a Câmara não ter gastado os milhares de euros que se gastava no passado. Os voos provenientes dos Estados Unidos e Canadá estiveram todos cheios, alguns vieram por Ponta Delgada, e talvez não tenhamos tido tantos emigrantes como este ano.

Os senhores são todos bons administradores mas têm que investir para ganhar e quero saber se as vossas empresas apresentam rentabilidade. Os restaurantes e as tascas estavam cheias e os hotéis superlotados e isto não é bom para a economia? Até agora todos criticavam que Angra não tinha vida e quase renasceu das cinzas como muitos disseram em algumas reuniões.

Toda a gente gostou da festa, haveremos de ver as contas das Sanjoaninas e quem não ficar contente, paciência. Estou contente porque a festa foi boa, os emigrantes vieram em massa, encheram os hotéis e os restaurantes, compraram nas lojas e tudo isso mexeu com o comércio. Falei com alguns comerciantes da baixa que me disseram nunca terem ganho tanto dinheiro durante as Sanjoaninas nos últimos 19 anos.

Sr. d. m. António Félix Rodrigues: – Não podemos falar de cor todos os anos porque ninguém conhece a eficácia do impacto real do investimento dos dinheiros públicos nas Sanjoaninas. Temos que fazer um estudo credível para sabermos se devemos mudar a forma de organização das festas e conhecer o seu impacto na nossa economia.

Também ouvi dizer que os hotéis estão cheios mas sou desconhecedor de algum estudo que o prove. Estou convencido de que os resultados tenham sido positivos mas tudo não passa de meras interpretações subjetivas porque temos a tendência de tirar conclusões a partir de opiniões e falta-nos objetividade no tratamento e no investimento nas Sanjoaninas.

É preciso perguntar às pessoas se o sacrifício por que passam durante uma semana e pouco é vantajoso e se vale a pena o investimento nos concertos do Bailão para que entendam e possam suportar este massacre mais facilmente.

Não importa se o povo andou divertido pelas ruas até às 09 horas da manhã. Cabe-nos a nós, que estamos aqui a defender o interesse público, perceber se os investimentos feitos numa festa são reprodutivos como parece, quanto é que se investiu e qual o retorno económico.

Enquanto não for feito um estudo científico credível para sabermos se o investimento da Câmara ficou aquém, estamos a falar de cor e tudo não passa das impressões de cada um e do seu olhar subjetivo sobre a festa.

Sr. presidente da Câmara: – Por uma questão de justiça, creio que o sucesso das festas de um ano não deve ser visto como desdouro do sucesso das festas anteriores porque quem deu o seu melhor, merece o respeito e consideração da Câmara.

Já tive a oportunidade de dizer nesta Assembleia que a Câmara tem a obrigação de mostrar gratidão para com quem presta um serviço público e se uma festa corre bem não significa que as outras tenham corrido pior.

Concordo com o senhor deputado Félix Rodrigues porque não temos nenhum estudo que nos permita quantificar o impacto da festa como eu gostaria. Aliás, nem tão pouco temos um estudo absolutamente credível sobre o impacto do turismo em geral na ilha Terceira. Temos um défice de conhecimento mas vamos tentar ultrapassá-lo com algumas informações que já foram pedidas a uma entidade dessa área; não é um estudo mas servirá para alguma coisa.

Temos conhecimento do número de bilhetes vendidos nos transportes marítimos e tentámos alojar pessoas na última semana mas não havia um único lugar disponível em Angra nem na Praia da Vitória. É certo que a festa encheu esta cidade de gente e lotou a hotelaria, permitindo excelentes negócios a toda a gente.

Tive o cuidado de circular pelas tascas com o senhor vice-presidente e falar como os respetivos proprietários e toda a gente reportou bons negócios como jamais tinha tido com uma pequena exceção do Pátio da Alfândega.

Não podemos esquecer que tudo isto também se deve à melhoria da economia dos Estados Unidos e Canadá e à perda de valor do euro que criou condições particularmente favoráveis, razão pela qual, tivemos entre nós muito mais gente proveniente da América do Norte com disponibilidade para gastar dinheiro porque os preços ficaram cerca de 30% mais baratos do que o ano passado.

Para quem investiu, este ano a festa foi um inegável sucesso do ponto de vista financeiro; ainda bem que as pessoas ganharam dinheiro porque bem precisavam e espero que este balão de oxigénio seja útil para muitas famílias e empresas.

O investimento que a Câmara faz na festa está aprovado orçamentalmente. Já não existe a Culturangra ou qualquer outra entidade externa, todas as contas entram e saem com as respetivas requisições e as despesas da festa são totalmente transparentes com as regras da contabilidade pública. A conta aparecerá a devido tempo, a Câmara não fica com dívidas na praça e não há aqui nenhuma mão escondida.

As receitas da festa deste ano concentraram-se essencialmente na área da gastronomia e da etnografia em que há um subsídio governamental. Contas já feitas, a gastronomia pagou todos os concertos do Bailão. As outras despesas da festa são consideráveis e hão de aparecer refletidas no seu centro de custos. Como a Câmara possui uma contabilidade única, mesmo que quiséssemos, não teríamos a capacidade de fazer desaparecer o que quer que seja.

Quando começámos a fazer publicidade da festa percebemos que já havia reservas que enchessem os hotéis e mudámos a linguagem. Os anúncios do multibanco e da televisão nacional já falavam em Angra do Heroísmo sem uma alusão à festa sequer porque já não valia a pena promovê-la; promovemos a cidade e a ilha e houve gente de todo o país que me falou no assunto porque viram pela primeira vez, anúncios de Angra nas televisões nacionais e nos multibancos, o que não era habitual.

O outro esforço que fizemos de promoção foi em S. Miguel, nesta altura o nosso maior mercado emissor de participantes na festa, onde houve um investimento grande nos *moopies*, na rádio e no jornal. O sucesso foi pleno e não vieram mais pessoas porque as viagens esgotaram completamente.

Não vale a pena andarmos aqui com voltinhas e volteios porque a nossa cidade encheu-se de gente, tivemos a festa que pretendíamos e o objetivo foi conseguido. Quanto ao impacto das festas sobre o resto do ano, a ver vamos, espero que o desejo de visitar Angra se tenha instalado e mais gente nos visite noutras alturas.

Sr. d. m. António Alves: – Exmo. senhor presidente da Assembleia, senhor presidente da Câmara e senhores vereadores, caros colegas deputados, bom dia a todos.

Utilizando a linguagem do povo, apetece-me dizer que se é preso por ter cão e por não o ter, porque, à semelhança de outros anos, as Sanjoaninas foram um sucesso e está de parabéns a senhora vereadora Raquel, a restante vereação, o senhor presidente e todos os colaboradores. Por vezes diz-se que os Açores são 8 ilhas e um parque de diversões, que é a Terceira, mas parece que há gente que ainda não se apercebeu que assim é.

Não vejo ninguém das freguesias a lamentar-se das Sanjoaninas e não entendo que o som incomode alguém que estude ou trabalhe durante uma semana por ano. É a nossa festa e a nossa tradição, as pessoas vêm de todo o lado, recebemos marchas de outras ilhas e bandas filarmónicas do estrangeiro e os desfiles são compostos por gente de toda a ilha e de fora. Foram trazidas danças das várias partes da ilha, homenageando os nossos antepassados e o desfile etnográfico deste ano foi extraordinário, algo nunca antes visto.

Chover no molhado é a nossa maneira de chutar para canto e não percebo porque se fala no mesmo todos os anos sem que se diga nada. Estão aqui os presidentes de junta do concelho de Angra, falei com alguns do concelho da Praia, falei também com gente de outras ilhas e com emigrantes, todos reconhecem que ninguém sabe fazer festas como os terceirenses e as Sanjoaninas são as maiores festas profanas dos Açores. Viva as Sanjoaninas.

Sr. d. m. Rogério Sousa: – Como qualquer cidadão, tenho a minha opinião acerca das Sanjoaninas mas prefiro não a expressar em público nem participar em discussões porque é-se preso por ter cão e por não o ter, como referiu o meu colega António Alves.

Posso testemunhar-vos que, para os comerciantes do lado de lá do Cerrado do Bailão, estas foram as piores festas dos últimos 10 anos porque as Sanjoaninas estão a mudar para um excelente modelo de S. João com as tasquinhas na rua, a utilização para o negócio de espaços devolutos e os concertos no Pátio da Alfândega feitos com a prata da casa.

Não podemos classificar a qualidade das festas apenas pelo lucro que possam gerar porque um cortejo etnográfico não gera qualquer lucro e realiza-se por tradição. As festas Sanjoaninas são um projeto profissionalizado pela Câmara pela primeira vez e dou os parabéns à vereação pelo trabalho realizado porque esta transição de comissões de festas para vereações não correu muito bem noutros locais e aqui essa mudança foi positiva.

As contas devem ser escrutinadas e transparentes mas assumamos que se trata de uma festa com várias componentes com custos que não podem ser medidos apenas pelo impacto económico.

De acordo com o que foi dito pelo António Alves, dez dias de festa durante um ano não farão assim tanta diferença. As pessoas devem adaptar-se a esta realidade, exigindo à organização alguma compensação pelo transtorno causado.

Custa-me ouvir comentários acerca da luz, se está amarelada ou esbranquiçada ou se houve mais ou menos música durante os desfiles. Como aqui foi dito, generaliza-se perante uma ou duas opiniões e é-se preso por ter e por não ter cão.

Sr. d. m. Artur Lima: – Cumprimento o senhor presidente e os senhores membros da Mesa, o senhor presidente da Câmara e os senhores vereadores e os caros colegas deputados municipais.

Não vou falar sobre as Sanjoaninas, indo de encontro ao que o senhor presidente da Câmara atalhou para ver se não se avança nesse assunto. Se Angra renasceu das cinzas, elas têm cor e há 18 anos que são cor-de-rosa.

Se noutros anos se esbanjou milhões com as festas e este ano isso não aconteceu, ou andaram a enganar-nos a todos ou foram mesmo esbanjados milhões na promoção das festas nos

Estados Unidos e no Canadá. É preciso que a *entourage* socialista se entenda para se saber quem gastou o dinheiro e se os de agora são mais poupados porque acabaram com algo que os outros tinham que era um orçamento prévio para as Sanjoaninas.

Qualquer festa exige um investimento público, as Sanjoaninas devem também tê-lo e ninguém é contra isso. Os nossos emigrantes querem vir mais às festas e touradas da Terceira e não apenas às Sanjoaninas e os senhores sabem, tão bem como eu, que não o fazem por falta de aviões; não têm SATA que, quer se queira quer não, trata mal a ilha Terceira. Não vieram cá mais pessoas das outras ilhas porque os aviões estavam completamente cheios.

Começando por uma frase do senhor presidente da Câmara em que as pessoas podiam acampar num canto qualquer, podiam acampar por exemplo no hotel da Serretinha se estivesse pronto e está como está por responsabilidade dos vossos governos. Poderiam acampar também no hotel do Canta Galo se não estivesse na situação em que está e em mais alguns sítios.

O que me preocupa é que Angra e a ilha Terceira vivam um fulgor económico durante uma semana quando é necessária animação ao longo do ano, o que depende também do Governo Regional dos Açores que atribui todos os anos um milhão de euros para atividades culturais em Ponta Delgada e zero cêntimos para a ilha Terceira.

É triste que os hotéis tenham uma taxa média de ocupação de 35% e o turismo tenha caído 21% na ilha Terceira. Se as Sanjoaninas correram bem e o povo andava feliz, ótimo; estamos todos contentes mas parece-me que os senhores estão aqui a passar um atestado de menoridade a todas as comissões de festas dos anteriores 17 anos, quando foram quase todas nomeadas pelo executivo camarário socialista.

Sr. vice-presidente da Câmara, José Gaspar de Lima: – Isso é demagogia.

Sr. d. m. Artur Lima: – O senhor sabe bem do que estou a falar. O senhor foi presidente das festas com muito orgulho e sucesso no seu ano. Fico triste por V. Exa. quando dizem aqui que o seu ano não contou e estas é que foram umas festas Sanjoaninas mas sei que V. Exa. tem grandeza suficiente para perdoar esta gente pelas acusações que lhe fizeram.

Seria necessário que esta Câmara fizesse a devida pressão durante todo o ano no multibanco, nos jornais, nos *moopies* ou até junto do Governo Regional, exigindo verba para animar a cidade com eventos culturais.

Antigamente os pescadores pescavam de verão porque o mar bravo do inverno não os deixava trabalhar e passa-se o mesmo com as Sanjoaninas; vende-se para faltar durante uma semana porque as restantes 50 semanas são de crise à exceção de uma semana de interregno no Natal e outra na Páscoa onde sempre vai havendo uma comidinha e um bolo.

Como o senhor presidente disse, a Câmara deveria esforçar-se para que as festas em Angra não durem apenas uma semana e haja um programa turístico multifacetado fazendo exigências na política de transportes aéreos de e para a América do Norte e Canadá.

Como foi aqui bem dito, a nossa diáspora tem dinheiro, quer vir cá gastá-lo e gosta de consumir. Quase 2/3 da ocupação é composta por emigrantes e não por continentais que apanham o avião em Lisboa e a SATA serve mal. Agora temos apenas um voo para Boston porque se acabou com o voo para Oakland e o que é que a Câmara faz sobre isso, senhor presidente?

A nossa diáspora tem dinheiro e poder de compra e já não quer ir para casa do pai e da mãe; já são netos e querem ficar em hotéis. Não vou explicar nada disto ao José Santos porque ele sabe disto tão bem ou melhor do que eu.

A comunidade que temos emigrada seria capaz de animar a Terceira nas festas tradicionais de freguesia, nas festas da Praia, das Lajes, da Vila Nova, etc. Haja aviões e vontade de trazer cá turistas da nossa diáspora. Ficam aqui os desafios e contem com o CDS-PP para trabalharmos juntos.

Sr. presidente da Câmara: – Quero manifestar a minha felicidade e agradecimento pelo apoio do senhor deputado Artur Lima nesta matéria porque a Câmara não tem estado ausente desse debate. Essas matérias devem ser debatidas na Assembleia Legislativa Regional mas a Câmara tem-se esforçado nesse sentido nos encontros que tem mantido. Precisamos de promover mais a cidade e a ilha e não serão as autarquias de Angra e Praia, juntas ou em separado, que podem suprir uma obrigação e competência do Governo Regional.

A respeito ainda de orçamentações, não faz sentido um orçamento separado porque existe uma GOP que visa especificamente o orçamento destinado às Sanjoaninas devidamente cabimentado e esclarecido e mais ninguém autoriza despesas senão a senhora vereadora Raquel, a única que ao longo deste período teve essa competência delegada.

Sr. d. m. Francisco Câmara: – Boa tarde senhor presidente e restantes membros da Mesa, senhor presidente da Câmara e restantes vereadores, colegas deputados. Pareceu-me que desse lado se pensou que esta bancada estaria contra as Sanjoaninas mas apenas foram aqui feitos reparos pontuais sobre a forma como as festas decorreram.

Haverá algumas situações ainda por explicar como um contencioso com um grupo que acusa a Câmara de não lhe ter pago o cachê e o caso de uma dama da diáspora que não poderia vir em cima do carro por ter cinquenta e tal anos. A senhora não veio mas o seu nome foi anunciado no Centro Cultural e continua no *site* da Câmara.

É preciso entender a real dimensão das festas e o seu impacto na nossa ilha. Se, por cada 1 000 euros de investimento, recuperarmos 1 200, ou seja, um retorno de 20%, talvez compense investir um pouco mais nas festas mas devemos ter em conta a animação da cidade e da ilha durante o resto do ano.

Assim como o senhor deputado Rogério Sousa, também conversei com alguns comerciantes que me disseram ter tido menos lucro este ano, uma situação decorrente do modelo de aproximação das festas ao centro da cidade, o que é de salutar.

Quanto a mim, o desfile etnográfico é uma das atividades mais importantes da festa e das que exigem menos investimento, podendo gerar um retorno económico por parte dos nossos emigrantes que nele se revêm.

Não sou contra um maior gasto nas Sanjoaninas. Devemos analisar o impacto das festas, equacionar o investimento em conformidade e apostar no que é nosso, nomeadamente nas bandas locais, mesmo que lhes tenhamos que pagar o respetivo cachê.

Sr. presidente da Câmara: – A Câmara não convidou nenhuma dama; apenas convidou as comunidades a nomearem as damas que entendessem e recebemo-las a todas com todo o gosto sem lhes perguntar a idade nem a origem. Não cheguei a conhecer essa pequena da minha idade e provavelmente teria tido imenso gosto nisso. Se a senhora tivesse vindo, teria sido elegantemente recebida... Veio? Pois, não a cheguei a conhecer.

As nomeações não foram feitas por nós, creio que este é o melhor modelo, reservando às comunidades e às suas associações, a escolha e nomeação com os critérios que bem entenderem sem limites de idade para damas ou para cavalheiros.

Tivemos um conjunto de conflitos em torno das touradas. O que aconteceu foi desagradável, desnecessário, não teve graça nenhuma e as coisas poderiam ter corrido melhor. Não me cabe dirimir quem tinha razão mas devo relevar que o brilho das touradas foi, de alguma maneira, manchado por conflitos desnecessários.

Todas as bandas locais receberam os respetivos cachês. À banda em causa não foi prometido cachê nem permitido participar nas festas porque havia um acordo em que receberiam como prémio 1 500 euros e tinham a obrigação de atuar nas Sanjoaninas. Depois de lhes ter sido pago o respetivo prémio e de tudo o que aconteceu, fui eu que decidi que esses senhores não participariam na festa por uma questão de dignidade.

Quando alguém recebe um prémio de acordo com determinadas condições e não as cumpre, então que venha o segundo ou o terceiro lugar, se o segundo não puder; foi assim que as coisas aconteceram de acordo com o regulamento do vencedor do festival *AngraRock* e o recebimento do respetivo prémio e não com o facto de a banda ser local ou não.

Não há qualquer azedume em relação a nenhuma banda, todas receberam o respetivo cachê, tudo decorreu na normalidade e há apenas uma interpretação das regras do concurso que não é consentânea. Mais grave foi a questão dos touros até porque as câmaras de Angra e Praia têm feito um grande esforço no sentido de aproximar os dois concelhos e não é nada agradável a criação de dissensões entre ambos devido a essas coisas.

Sra. d. m. Maria da Graça Silveira: – Volto à questão que lhe coloquei, senhor presidente da Câmara. No caderno de encargos constava uma rúbrica para um ensaio de carga prévio à obra em que deveriam ter passado vários camiões com determinado peso por cima de um troço construído fora da obra onde seria testada a compactação e a cedência. Acredito que o senhor presidente tenha acompanhado a obra e visto os carros a passar por cima mas isso não interessa e o ensaio de carga deveria ter sido feito porque estava orçamentado.

Mais uma vez lhe pergunto onde foi feito esse ensaio de carga e quais os respetivos resultados. Se o não foi, gostaria de saber se essa rubrica vai ser retirada, sabendo-se que esse empreiteiro ganhou um concurso obrigado ao cumprimento dessa rúbrica.

Não me venha dizer que acha desagradável o facto de a oposição duvidar sistematicamente das obras. A obra está a decorrer, surgem dúvidas e estou a levantá-las atempadamente com toda a legitimidade. Estou a colocar-lhe uma questão muito clara a que o senhor respondeu de forma igualmente clara, dizendo que tinha feito o acompanhamento em obra e deveria ter sido feito um ensaio de carga preliminar para se verificar se aquele modelo cedia.

No que respeita à escola do Alto das Covas, não acho nada deselegante o facto de o senhor presidente da Câmara ter dito tratar-se de tolices de verão da senhora deputada Graça Silveira e do senhor deputado Luís Rendeiro porque ele deve ter feito a tradução direta do «*silly season*».

Sr. presidente da Câmara: – O pior é que continuamos «*silly*», neste caso, «*silly out of season*».

Sra. d. m. Maria da Graça Silveira: – O senhor está com o raciocínio um pouco trôpego; deve ter sido das festas. A única coisa que se mantém é a «*season*» porque, «*silly*» sempre foi toda esta situação visto que estamos de novo no verão, a altura para o senhor fazer as obras de reparação nas escolas enquanto se encontram fechadas e não as faz.

O senhor Secretário Regional da Educação já disse que a escola só fecha por razões pedagógicas ou sociológicas; como a escola continua e as obras cabem ao senhor presidente, gostaria que nos informasse do que pretende fazer.

Para terminar, e porque não me esqueço das coisas, senhora deputada Marília, as tasquinhas vieram para a baixa da cidade porque existem alguns espaços comerciais devolutos; assim sendo, continuo ansiosamente à espera de ver as florzinhas campestres nas montras desses espaços.

Sra. d. m. Rita Andrade: – Vou apenas deixar uma pequena sugestão para uma mãe que viveu as Sanjoaninas fora do Bailão nos cortejos infantis. A preocupação que as crianças não fossem atropeladas pelos carros alegóricos, que estavam lindíssimos, fez com que não

aproveitassem os figurantes e as brincadeiras que poderiam ter animado um pouco mais a festa.

Deixo aqui a sugestão para se investir menos nos carros e mais nos figurantes dos Três Porquinhos, da Bela Adormecida, do Mickey, do Ratatouille ou da princesa Elsa a brincarem com as crianças e a distribuírem chocolates e doces; digo isto porque o meu filho queria puxar o rabo e dar um abraço ao Lobo Mau mas ele passou muito depressa. Acho que devemos pensar mais nas crianças que acham muito mais graça aos figurantes do que aos carros que lhes dizem muito pouco.

Sr. presidente da Câmara: – O trecho experimental da obra foi feito no Chafariz Velho que ainda lá continua, as coisas correram devidamente e terei muito gosto em receber a senhora deputada acompanhado pelos engenheiros da obra que lhe explicarão como tudo foi feito.

A escola do Alto das Covas está a receber alguma beneficiação e vamos continuar a analisar o que lá seja preciso fazer.

Não pude assistir ao cortejo infantil das Sanjoaninas e as questões com a segurança são extremamente importantes. Fez-se os possíveis para que as crianças brincassem com as figuras atrás dos carros, o que foi feito com o cuidado necessário. De futuro podemos criar um afastamento maior entre as figuras e os carros para permitir uma zona de brincadeira mais ampla.

Sra. d. m. Rita Andrade: – Como o senhor presidente está sempre a pedir que contribuamos para a festa, sugiro que se construam apenas dois carros, um para o início e outro para o fim do desfile para que haja mais figurantes e atividades para os miúdos porque aquele desfile é para as crianças.

Sr. presidente da Câmara: – Fico-lhe agradecido pelo contributo e por muitos mais que venham porque o nosso interesse é melhorar a festa sem comprometer a segurança.

Sr. d. m. Luís Rendeiro: – Estive a ouvir atentamente as questões aqui colocadas e as explicações dadas e gostaria de lembrar que a oposição é um exercício em democracia assim como o poder. Não acho justo nem sério que se diga algumas coisas quanto às questões levantadas pela oposição para que a governação do concelho corra melhor. O facto de sermos exigentes e entendermos que há sempre algo a corrigir torna-nos competentes e responsáveis perante os cidadãos que nos elegeram e se alguém aqui espera que se aplauda saloicamente tudo o que se faz só porque sim, não o faremos.

Ouviram-me dizer há pouco que as festas decorreram globalmente bem e não vale a pena continuarmos horas a fio a falar do que correu bem porque isso não necessita de ser corrigido. Foram aqui feitas acusações lamentáveis de que os partidos da oposição querem que as coisas corram mal e quanto pior, melhor. Não nos revemos nesse tipo de afirmações porque muitos de nós até participam na organização das festas dando o nosso contributo com honra, orgulho e brio. As festas são de todos, ninguém quer que as coisas corram mal e quando criticamos o que corre menos bem é no intuito de ajudar a melhorar e resolver os problemas.

Voltando à questão da Serretinha e dos acessos à Fajã do Ficher, quer pela Canada da Adelaide ou pela Canada das Vinhas, lembro aos senhores deputados municipais que, há 17 anos não havia hotel nem muitas das casas que então lá foram construídas.

As acessibilidades serviam na altura mas a tutela licenciou todas aquelas construções e as acessibilidades tornaram-se insuficientes. Lembro uma proposta meritória de uma lista do Partido Socialista candidata à junta de freguesia da Feteira numa eleição que o PS perdeu que previa, através das vinhas que lá existem, a construção de uma ligação mais segura e com menos declive entre a Fajã do Ficher e aquela Canada onde está construído o centro equestre «O ilhéu».

Não estamos aqui a falar por falar e queremos resolver problemas porque, para além do hotel, aquela zona tem um potencial paisagístico apreciável com uma zona de banhos que pode ser requalificada e transformada em zona balnear.

Voltando às questões do trânsito, parece-me redutor que a Câmara invista 40 mil euros num estudo de trânsito para concluir que o estudo que nunca foi implementado pelos executivos camarários do Partido Socialista é que era bom. Um dia vamos ter que pedir responsabilidades a alguém e elas são do vosso partido.

A oposição exige tomar conhecimento dos fundamentos técnicos do atual estudo de trânsito de 40 mil euros dado a uma entidade que eventualmente terá subcontratado porque não tinha competência técnica para o realizar nos moldes em que ele era pedido. Devem ser fundamentadas e tornadas públicas as intervenções definitivas já implementadas pela Câmara porque se trata de um estudo de trânsito e não de uma qualquer sociedade secreta.

Quanto ao turismo no concelho e na ilha às custas das Sanjoaninas, os números são públicos e a Terceira e a Graciosa estão em contra ciclo com os dados da região ao nível dos proveitos. As Sanjoaninas enchem sempre os hotéis, é necessária uma política própria de promoção do concelho durante todo o ano para que possamos reverter estes valores, o Governo Regional e a SATA têm que passar a servir a ilha e a Câmara deve exercer maior pressão.

Se chegarmos à conclusão de que a ilha só serve para fazer festas, então temos que as fazer cada vez melhor e terá mesmo que ser feito o tal estudo relativo aos investimentos e consequentes retornos financeiros. A nossa economia está a precisar de revitalização e não podemos gerir empiricamente assuntos muito sérios.

Sr. d. m. António Toste: – Apenas para esclarecer o senhor deputado Artur Lima e esta Assembleia que não pretendi de modo algum desvalorizar as festas anteriores. Lembro-me, por exemplo das excelentes festas presididas pelo meu amigo Ricardo Matias, que é da minha freguesia. Referi estas mas todas têm corrido bem de um modo geral. Pelo que me apercebi das intervenções da oposição é que as festas não tinham corrido assim tão bem, só apontavam os defeitos e não referiam os méritos.

Sr. d. m. Pedro Ferreira: – Em democracia e apesar de mais ou menos longevidade no poder, devemos saber aceitar as críticas construtivas, venham elas de onde vierem. Toda a gente ficou aqui hoje à espera que o Pedro Ferreira se redimisse de um texto poético-lírico que apresentou na última Assembleia Municipal em que, independentemente dos estilos, colocava um conjunto de perguntas à Câmara Municipal, organizadora das festas Sanjoaninas 2015 mas não obteve respostas a não ser a afirmação «falaremos em junho» e eu resignei-me porque poderia ter transformado aquele texto em artigos de opinião e enviado para o jornal mas não o fiz porque falaríamos em junho.

Continuo com algumas das dúvidas que expus há um mês porque me é difícil entender como se reduzem os orçamentos do cortejo em quase 70%, aumentando os seus conteúdos. Quanto a mim, continua por aqui algum milagre das rosas.

Se, independentemente do estilo que adotei naquela altura, V. Exas. tivessem tido o cuidado de responder clara e objetivamente às perguntas que coloquei, talvez a postura hoje tivesse sido outra de ambas as partes.

A oposição está aqui para prestar contributos. Apesar de estarem há quase 20 anos no poder, tentem entender que as críticas são positivas. Há pouco eu falava de uma questão que pode ser resolvida com um simples *ticket*, dando prioridade a quem deixa o carro nos estacionamento periféricos mas disseram que a minha intervenção era patética quando estou a tentar dar um contributo com uma crítica construtiva.

Se foi patética a minha intervenção a respeito das Sanjoaninas, também o foram muitas das vossas intervenções ao longo do dia de hoje. O nosso espírito é esperar sempre que a oposição

carregue e vocês referem sempre que a oposição está frustrada porque não faz obra há 20 anos.

Independentemente do meu estilo vos agradar mais ou menos, fiz um conjunto de perguntas para as quais não obtive resposta e hoje não tenho que me congratular com a organização das Sanjoaninas por parte desta Câmara ou de outros voluntários quaisquer mais ou menos despesistas porque as festas são do povo e para o povo que as fará se um dia a Câmara não quiser. Lamento que toda esta discussão se resume a uma frase lapidar do senhor deputado Rogério Sousa: «As pessoas que se acomodem.»

1.2 – Consolidação de contas do Grupo Municipal de Angra do Heroísmo composto pelo Município de Angra do Heroísmo que compreende a Câmara Municipal e os Serviços Municipalizados, para apreciação e votação do órgão deliberativo, nos termos do n.º 2 do artigo 75.º e do artigo 76.º da Lei das Finanças Locais e nos termos da alínea l) do n.º 2 do artigo 25.º da Lei n.º 75/2013 de 12 de setembro.

Sr. presidente da Câmara: – O senhor vereador Fernando Dias chamou-me a atenção para a falta da listagem dos empréstimos que, por lapso, não se encontra anexa aos documentos. Como a Câmara está impedida de contrair novos empréstimos, mantém-se a situação da altura da aprovação dos orçamentos onde consta a dita listagem mas volto a referir que a autarquia se encontra numa situação de pleno equilíbrio financeiro.

Estamos numa excelente situação do ponto de vista da capacidade de endividamento futuro embora essa capacidade seja apenas teórica e um mero exercício de cálculo em função dos limites da lei porque qualquer endividamento carece de autorização prévia do Ministério das Finanças. Em exercícios futuros e quando a situação financeira do país se alterar, as gerações futuras não receberão uma carga muito pesada da nossa gestão.

Já discutimos a situação dos Serviços Municipalizados na última sessão da Assembleia Municipal e a TERAMB encontra-se uma situação de pouca expressão financeira porque estamos em pleno investimento, ainda não se faz refletir nesta conta e no futuro teremos uma despesa na casa dos 200 ou 260 mil euros, variando de ano para ano, algo que apenas aparecerá em 2016.

A outra entidade chamada ADIRA encontra-se numa situação de mera correção contabilística visto que cessou a sua atividade em 2012, foi extinta do ponto de vista fiscal mas nunca realizou uma assembleia geral para a sua extinção formal, algo que está neste momento a ser providenciado e será a última vez que constará das nossas contas.

Sr. vereador Fernando Dias: – Intervenho apenas para esclarecer que o que vai a votação é a proposta de aprovação do saldo de gerência do grupo municipal constante da página 33 que refere que o valor de 2014 é de 2 819 853,00€ composto por 2 592 724,00€ de execução orçamental e 227 129,30€. É esta proposta que vai a votação.

Não se registando mais intervenções e posta à votação, a Consolidação de contas do Grupo Municipal de Angra do Heroísmo constante do Ponto 1.2 foi aprovada por maioria com 28 votos a favor, (23 do PS, 4 do PSD, 1 do d. m. independente) e 7 abstenções, (4 do PSD, 3 do CDS-PP).

1.3 – Anexo ao Regulamento de Insígnias e Medalhas Municipais do Município de Angra do Heroísmo, para aprovação do órgão deliberativo, nos termos da alínea g) do n.º 1 do artigo 25.º da Lei n.º 75/2013 de 12 de setembro.

Sr. presidente da Câmara: – O regulamento das insígnias municipais aprovado há cerca de três anos previa a regulamentação posterior da forma física e do desenho das referidas insígnias. A Câmara Municipal mandou elaborar o respetivo desenho e o regulamento que, por razões que desconheço, nunca foi apresentado a esta Assembleia. O que estamos aqui a fazer é

a completar o processo iniciado nessa altura e dar cumprimento ao que foi determinado por esta Assembleia.

Sra. d. m. Maria da Graça Silveira: – Independentemente da questão técnica e do *design* que passa a ser obrigatório, gostaria de saber qual o critério escolhido para a atribuição das cores.

Sr. presidente da Câmara: – Também coloquei essa questão e foi-me explicado que há uma espécie de convenção em que as ordens honoríficas de igual merecimento seguem o mesmo código de cores e o *design* foi elaborado por um especialista na área, o doutor Bénard Guedes, de acordo com os padrões usados em heráldica.

Não se registaram mais intervenções. O documento constante do Ponto 1.3 foi aprovado por unanimidade.

1.4 – Proposta de fixação dos limites da cidade de Angra do Heroísmo, no sentido de o órgão deliberativo remeter a mesma ao Governo Regional, tendo em vista a sua aprovação pela Assembleia Legislativa Regional, nos termos da alínea j), n.º 2, artigo 25.º da Lei n.º 75/2013 de 12 de setembro.

Sr. presidente da Câmara: – Esta é uma questão mais honorífica porque os limites da cidade não interferem com os limites administrativos das freguesias nem têm qualquer outra repercussão.

Esta anteproposta que aqui vos trazemos visa fazer coincidir os limites da cidade, que foram fixados em 1964 e estão desajustados face à construção da circular, com os de proteção da zona classificada criando uma estrutura uniforme com uma existência física, já que esses limites começam no cais da Silveira, estendem-se pelo eixo da circular até ao limite da freguesia da Ribeirinha e descem pela Grota do Vale até ao mar, permitindo a criação de uma delimitação para a cidade reconhecida por todos os cidadãos.

Existe apenas um sinal de entrada situado na Grota do Vale, o único que sobreviveu de 1964 e será criada uma nova sinalética com a menção da classificação. Nós apenas podemos apresentar uma anteproposta porque a competência para a delimitação de vilas e cidades cabe ao Governo Regional através de decreto legislativo regional. Estão aqui apresentados em anexo os antigos e os atuais limites para quem os quiser consultar.

Não se registaram mais intervenções. Posta à votação, a Proposta constante do Ponto 1.4 foi aprovada por unanimidade.

Sr. presidente da Mesa: – Vamos entrar na atribuição de medalhas em que o voto será por escrutínio secreto. Lembro aos senhores deputados municipais o que tem sido feito em alturas anteriores. A consciência de cada um ditará a forma como irá votar mas será complicada a existência de votos negativos quando estes números forem tornados públicos. Desculpem a crueza das minhas palavras mas, se houver alguma objeção por parte de algum senhor deputado, talvez seja melhor ausentar-se da sala em vez de votar contra.

Sr. d. m. Luís Rendeiro: – Percebo o sentido da sua recomendação, senhor presidente; no entanto, era prática desta Assembleia que os nomes fossem discutidos antes de serem agendados e propostos à votação. Tendo sido assim e não tendo havido propostas por parte dos partidos da oposição a estas ou outras personalidades ou instituições, entendemos que cada deputado votará em consciência.

Como a votação é secreta, proponho que se faça o que se tem feito em anos anteriores, anunciando os resultados da votação por unanimidade ou por maioria sem discriminar o número dos votos a favor, dos votos contra ou das abstenções. Não deveremos quartar a

liberdade de cada deputado municipal votar como entender ou abdicar do seu mandato para se ausentar da sala numa votação.

Sr. presidente da Mesa: – Tem sido essa a nossa postura. Lembro que noutras alturas houve algumas votações menos conseguidas e menos felizes. Como referi, a votação será feita de acordo com a consciência de cada um, ninguém é obrigado a sair da sala e apenas se pede uma atenção redobrada, dado que estes nomes são públicos.

Sr. d. m. Manuel Conte Bettencourt: – Esbarrei numa avalanche de atribuição de medalhas que me faz lembrar um pouco as invasões bárbaras ao império romano do ocidente. Vou lembrar um compromisso do senhor presidente da Câmara na 4ª sessão desta Assembleia a 24 de setembro em propor um voto de congratulação pelo 50º aniversário do Colégio de Santa Clara.

Dado o perfil daquela instituição, avancei com a ideia de que seria mais adequada a atribuição de uma medalha e o senhor presidente da Câmara respondeu assim: «*Concordo em absoluto, creio que podemos fazê-lo no próximo dia da cidade e não é preciso que seja uma iniciativa da Câmara, embora se associe com todo o gosto. A vantagem de ser a Câmara a propor, é que não tem que voltar aqui pela segunda vez. Tomaremos isso em conta para que se faça justiça no próximo mês de agosto. Como demos por isso apenas no período entre a sessão de junho da Assembleia Municipal e o mês de agosto e já não era possível fazer essa correção, podemos entregar o voto de congratulação num qualquer evento digno e em agosto do próximo ano faremos a proposta nesse sentido.*»

O senhor presidente da Câmara tem muitos afazeres mais importantes do que a entrega de medalhas mas julgo que esta promessa ficou outra vez no rol dos esquecidos e acho deselegante que o colégio de Santa Clara apenas receba a medalha para o ano, talvez.

Sr. presidente da Câmara: – O senhor tem toda a razão; foi esquecimento meu. Como não está em agenda, se 2/3 dos presentes assim o entenderem, vamos a tempo de corrigir essa injustiça hoje mesmo aqui, acrescentando mais uma medalha. A proposta seguirá para a próxima reunião de Câmara que a retificará e concordará e não volta à Assembleia Municipal.

1.5 – Atribuição de Medalha de Mérito Municipal Cultural a António de Freitas Rocha Mendes.

Aprovada por maioria após votação por escrutínio secreto.

1.6 – Atribuição de Medalha de Mérito Municipal Cultural a Diamantino Ferreira Ávila.

Aprovada por maioria após votação por escrutínio secreto.

1.7 – Atribuição de Medalha de Mérito Municipal Industrial e Comercial a João Henrique Melo Cota.

Aprovada por maioria após votação por escrutínio secreto.

1.8 – Atribuição de Medalha de Mérito Municipal Filantrópico a Maria da Conceição Couto.

Aprovada por maioria após votação por escrutínio secreto.

1.9 – Atribuição de Medalha de Mérito Municipal Filantrópico a Avelino Teixeira.

Aprovada por maioria após votação por escrutínio secreto.

1.10 – Atribuição de Medalha de Mérito Municipal Filantrópico a Manuel Fernandes Gil.

Aprovada por maioria após votação por escrutínio secreto.

1.11 – Atribuição de Medalha de Mérito Municipal Profissional a Manuel Vasco Mont'Alverne de Sequeira.

Aprovada por maioria após votação por escrutínio secreto.

1.12 – Atribuição de Medalha de Mérito Municipal Profissional a Raquel Costa e Silva.

Aprovada por maioria após votação por escrutínio secreto.

1.13 – Atribuição de Medalha de Bons Serviços Municipais, Classe Medalha Dourada a Jesuína Maria Barcelos Costa.

A Assembleia Municipal tomou conhecimento.

1.14 – Atribuição de Medalha de Bons Serviços Municipais, Classe Medalha Dourada a Maria da Boa-Hora Freitas Rocha Barcelos.

A Assembleia Municipal tomou conhecimento.

Sr. presidente da Câmara: – Apenas para dar conhecimento que os votos em causa foram aprovados por unanimidade pela Câmara Municipal.

1.15 – Atribuição de Medalha de Bons Serviços Municipais, Classe Medalha Prateada a Lídia Maria Coelho Ávila.

A Assembleia Municipal tomou conhecimento.

Sr. presidente da Câmara: – Foi igualmente aprovada por unanimidade com o apoio de todos os membros da Câmara.

1.16 – Voto de Louvor à Empresa Ontário Aluminium & Glass.

Não se registaram quaisquer intervenções, Posto à votação, o Voto de Louvor constante do Ponto 1.16 foi aprovado por maioria.

Intervalo de 10 minutos solicitado pelo grupo municipal do Partido Socialista.

1.17 – Atribuição de Medalha de Mérito Municipal, Classe Cultural, ao Colégio de Santa Clara.

Sr. presidente da Mesa: – A proposta foi apresentada nos termos regimentais aplicáveis pela Câmara Municipal que propõe atribuir ao colégio de Santa Clara a Medalha de Mérito Municipal pelas razões já apresentadas na Assembleia Municipal que aprovou um voto de louvor àquela instituição pela passagem do seu 50º aniversário.

Aprovada por maioria após votação por escrutínio secreto.

2 - DOS GRUPOS MUNICIPAIS DO PSD E DO CDS-PP

2.1 – Recomendação dos Grupos Municipais do PSD e do CDS-PP no sentido de serem retiradas as novas placas de sinalização turística em Angra do Heroísmo e corrigida a sua tradução para inglês.

Sr. d. m. Luís Rendeiro: – Este não é um assunto estruturante mas é importante para o concelho porque aborreceu os munícipes que gostam da sua cidade e querem vê-la valorizada, acarinhada e estimada da melhor forma possível.

A cidade de Angra foi contemplada com as novas placas toponímicas que, diga-se, têm um bom efeito estético e fazem falta. Há algum tempo têm-se realizado algumas mal sucedidas experiências com sinalização turística e esta é mais uma. Perdeu-se uma oportunidade porque as placas são bonitas e podiam cumprir e servir a sua função. Não está em causa o trabalho técnico em português mas a sua preocupante tradução à letra para inglês com erros grosseiros.

As placas motivaram a indignação de imensas pessoas na qual nos revemos. A tradução foi descuidada e deveria ter sido verificada para evitar a deturpação dos conteúdos que se pretendia transmitir aos turistas.

Criaram-se alguns clássicos do humor regional como a «Straight street» ou o «Top of the holes». Toda a gente faz alegorias com isso e é prática corrente fazer traduções à Lauro Dêrmio para quem conhecia a série do crítico de cinema.

Parece que estamos entregues ao desleixo nas grandes e nas pequenas coisas. Há falta de experiência e profissionalismo e parece que se aceita tudo. Há pouco falou-se nos arquitetos paisagistas que decidem o que se coloca nas rotundas e é aceite pelo poder político sem qualquer crítica ou avaliação.

O senhor deputado municipal do Partido Socialista criticava nas redes sociais a forma descuidada e desadequada da tradução. Gostaria que o senhor presidente da Câmara nos informasse dos custos daquele trabalho porque o senhor vice-presidente veio dizer: «Se o trabalho está mal feito, os meninos que o façam gratuitamente.» Ora, o trabalho mal feito custou dezenas de milhar de euros e agora tem que ser bem feito gratuitamente por quem discorda e acha que Angra merece melhor? É de lamentar este fracasso na colocação das placas turísticas pelo ridículo, pelo descuido e pela má tradução.

Lamenta-se também que o Instituto de Línguas, a entidade a quem foi encomendada a tradução, não tenha vindo a público comentar a falta de qualidade do trabalho e o Instituto Histórico da Ilha Terceira, responsável pelo levantamento histórico, considere que isto está bem. As placas não servem e está na altura de se assumir o erro que não foi assumido pelo senhor presidente da Câmara que apenas referiu que os casos mais graves poderão ser corrigidos.

Corrija-se o que tiver que ser corrigido. Pretendemos boas placas de sinalização turística para Angra porque a diferença reside no pormenor. Estamos perfeitamente a tempo de retirar as placas com gralhas, (que são muitas), para que sejam corrigidas e recolocadas nos seus devidos lugares.

Sr. presidente da Câmara: – Assumo a responsabilidade porque deveria ter lido as placas mas não o fiz por razões várias e o assunto teve o seu desenvolvimento fora do âmbito político quando deveria ter passado por um filtro.

Foi pedido ao Instituto de Línguas que revisse uma tradução e fizeram a revisão que entenderam. Quatro das vinte e cinco placas estão mal, quanto às restantes, há quem goste mais ou menos do estilo do inglês e nessa matéria «peço meças».

Verifiquei as placas, creio que tenho uma boa compreensão do inglês, há umas melhores, outras piores e é evidente que, quem as traduziu não sabia o que estava a fazer, denotando falta de profundidade cultural para entender o que lá está.

Para informação dos senhores deputados, o contrato para elaboração das placas foi celebrado em 2010 pelo valor de 70 mil euros mais IVA. Assumo também essa decisão mas não a pude cancelar, algo que gostaria de ter feito porque acho que poderíamos ter conseguido umas placas mais baratas e mais eficazes mas como estavam 50% pagas, deu-se andamento e concluiu-se o processo.

As placas que precisarem de ser corrigidas, sê-lo-ão e estamos a estudar uma solução que nos permita poupar o máximo possível. Serão colocados marcadores eletrónicos para uma maior informação num conjunto de línguas, será acrescentado um código QR em cada placa e uma aplicação que permitirá aos *smartphones* com GPS, uma informação devidamente geolocalizada sobre os conteúdos à semelhança do que acontece em praticamente todas as cidades da Europa.

A pessoa pode descarregar a aplicação em casa ou nos locais com disponibilidade de rede gratuita da Câmara e não precisa de ligação à rede para obter a informação de que necessita. Assim teremos a cidade com boa informação turística e prometo-vos que lerei as traduções antes de serem colocadas na internet.

A maior parte das pessoas que lê as placas não acha lá nada de especial. Estive com muita gente que não fala português, tenho elevadíssimo número de pessoas no meu círculo familiar nessas circunstâncias e as pessoas gostam das placas, as mesmas que se encontram em Paris e noutras cidades da Europa onde, por vezes, o inglês não é o melhor. No nosso caso, infelizmente a falta de profundidade cultural está vertida em bronze.

Sr. d. m. João Santos: – Sem querer entrar na discussão, assumo desde já a minha falta de conhecimentos de inglês para me pronunciar a respeito das placas. Quem me conhece sabe que não sou de fugir a responsabilidades, assumo o que digo, faço e escrevo e nem sempre estou do lado que supostamente deveria estar, seguindo a minha consciência e a razão.

Não fugindo a nada que tenha escrito e que já suscitou muitos mal entendidos, liguei o computador e vou ler exatamente o que escrevi: *«As novas placas informativas da cidade de Angra do Heroísmo serão, por ventura, a mais genial publicidade já vista a uma escola de línguas. Não via uma manobra de marketing destas desde que a mulher do Durão Barroso o comparou a um cherne. Continuo a não acreditar que a manobra do cherne tenha sido inocente; acho que foi estudada, discutida e deliberada. Nunca se falou tanto de Durão Barroso depois de a mulher o comparar a um cherne.»*

Acho que hoje não há ninguém na Terceira que não conheça este instituto de línguas. Se me perguntar, responder-lhe-ei que não obtive feedbacks agradáveis e limitei-me a dizer que não se falava tanto de uma coisa.

Não somos responsáveis pelo que os outros escrevem nos nossos espaços nas redes sociais, apenas sou responsável pelo que digo, escrevo e faço e tudo o que lá escreveram não é da minha responsabilidade; apenas fiz alusão ao que se dizia que resultou como publicidade a um instituto de línguas.

Não tenho conhecimentos técnicos para me pronunciar a respeito da tradução das placas. Se estivessem traduzidas para espanhol, certamente seria o primeiro a pronunciar-me e a expressar uma opinião avalizada. Sempre critiquei esta Câmara relativamente a lixo, a caminhos de freguesias e voltarei a fazê-lo sempre que assim o entender mas neste caso, não.

Mais à frente, a única coisa que escrevi, foi: *«Referi-me, de facto à Câmara, quando havia uma insinuação relativa à falta de gosto na escolha das placas e a quem as deram para beneficiar este ou aquele relativamente à tradução.»* Limitei-me a dizer que não concordava

porque estas placas não existem apenas em Angra, fazem parte de um modelo aprovado pela UNESCO noutras cidades do país e também não concordava com o facto de se ter tentado beneficiar alguém porque a tradução foi entregue a um instituto com suposta reconhecida competência na matéria. Agradeço que se fale do que escrevi e não se faça extrapolações, tentando enviar mais um soldado para uma guerra injustificada.

Sr. presidente da Câmara: – Como estamos a falar em instituições, convém que as coisas fiquem certas. Não sei quem fez a tradução; o Instituto de Línguas é responsável apenas pela revisão e não vamos atribuir culpas a quem não as tem. Mais uma vez, assumo a responsabilidade integral pelo assunto porque me cabiam as competências. Tenho conhecimentos suficientes de inglês para verificar que as coisas não estavam bem mas só vi as placas chegaram aos respetivos locais e achei que o assunto estava devidamente tratado. A encomenda fora feita em 2010 e andava-se há demasiado tempo com placas para trás e para diante.

Sra. d. m. Rita Andrade: – Senhor presidente, acho louvável que assuma a responsabilidade por não ter revisto as placas mas é certo que elas se encontram colocadas. Quando o senhor diz que apenas quatro delas serão retificadas por conterem erros factuais e as outras não serão retificadas quando deturpam a informação e parece que está alguém internado na igreja da Sé...

Sr. presidente da Câmara: – Aconteceu a troca de um «N» por um «R» e a culpa não foi do Instituto de Línguas. Tenho aqui a prova corrigida por eles.

Sra. d. m. Rita Andrade: – A empresa que se enganou, responsável pela impressão das placas, vai assumir o erro sem custos para a Câmara? É que isto acaba por cair num saco roto e acabamos todos por pagar.

Sr. presidente da Câmara: – A perninha do «N» é algo que se tira com qualquer berbequim.

Sra. d. m. Rita Andrade: – Estou preocupada porque Angra está a ser ridicularizada. Os turistas que nos visitam e não conhecem a história dos edifícios, assumem como verdade o que ali está e saem da nossa cidade mal informados.

Sr. presidente da Câmara: – A cidade está a ser ridicularizada em boa parte por culpa dos angrenses que se ridicularizam a si próprios em vez de assumirem que há problemas para resolver e usam o bonito ácido para corroer o que aqui se faz.

Sra. d. m. Rita Andrade: – O senhor presidente retirou-me pelo menos um minuto do meu tempo porque tive que me calar para ouvir o seu desabafo.

Sr. presidente da Câmara: – Foi um desabafo do coração.

Sra. d. m. Rita Andrade: – Só tem desabafos quando eu falo; devo tocar-lhe nalgum nervo que o faz estremecer.

Sr. presidente da Câmara: – Deveria ficar satisfeita com isso.

Sra. d. m. Rita Andrade: – Desculpe mas gosto que o meu marido é que fique nervoso quando lhe toco nos nervos.

Tenho muito orgulho nas tradições e na história da minha terra e acho triste e vergonhosa a existência de placas com informação deturpada e com erros ridículos que nos transformam em motivo de gozo. O senhor presidente está a levar de ânimo leve, um assunto demasiado sério para ser levado a rir.

Sr. d. m. Rogério Sousa: – Fui professor de português e inglês e é lamentável que não se tenha feito um trabalho estruturado com os vários agentes. Lamento o trabalho do Instituto Histórico e a tradução que foi feita, lamento ainda que a única empresa no mundo certificada para estas placas tenha deixado passar erros como «was began», quanto a mim, mais grave do que «Top of the holes» ou «Cock street».

As toponímias traduzem-se como, por exemplo, «New York» para «Nova Iorque». Existe um conjunto de palavras em inglês, cuja tradução é aceitável se o tradutor assim o entender, e aqui não houve uma revisão posterior; o Instituto Histórico da Ilha Terceira não fez um bom trabalho e o Instituto de Línguas não fez a sua revisão.

Lamento que o assunto tenha sido empolado nas redes sociais e não quis participar na discussão. Mais do que esta recomendação, devem ser apuradas responsabilidades a quem foi pago para fazer este trabalho. Nós corrigimos e fica tudo bem. O Instituto de Línguas continua a ser o Instituto de Línguas e o Instituto Histórico da Ilha Terceira faz um trabalho destes desgarrado da tradução e dos *QR codes* que vão ser introduzidos posteriormente e de uma política de promoção turística que deveria ter sido feita em articulação.

Respondendo ao senhor vice-presidente e a qualquer outra preocupação, como membro deste grupo municipal, estou disponível para ajudar na tradução e no português porque tenho competências para tal e faço-o gratuitamente.

Sr. d. m. Luís Rendeiro: – Não tenho dúvida de que teria sido feito um trabalho muito melhor.

Sra. d. m. Isabel Berbereia: – Muito boa tarde senhor presidente da Mesa, senhor presidente da Câmara e senhores vereadores, senhores deputados. Acho louváveis as palavras do senhor presidente da Câmara ao assumir-se como responsável mas penso que ninguém poderá ser responsabilizado quando delegou determinada tarefa a um instituto competente que deve assumir as suas responsabilidades. Assim como a senhora deputada Rita Andrade, também eu e todos os que aqui estão presentes em representação dos seus municípios se orgulham da sua cidade.

Independentemente da escolha do material e partindo dos conhecimentos do Instituto Histórico da Ilha Terceira, as placas são bonitas, estão corretas, cumprem a sua função na identificação dos locais e edifícios, valorizam o nosso património e dão a conhecer um pouco da nossa história aos residentes e a quem nos visita, promovendo uma cidade património mundial. Seria mais grave se tivéssemos deixado passar mais um ou dois anos sem uma valorização do que é nosso.

Se o senhor presidente da Câmara considera que essas quatro placas poderão ser corrigidas, tanto melhor e é pouco dignificante dispararmos sobre os nossos próprios pés porque temos o dever de defender o nosso património e não devemos transformar um assunto sério em motivo de chacota. Estas placas são elementos de um plano alargado da nossa cidade que continuaremos a defender nesta Assembleia enquanto nos for possível.

Há pouco com a discussão sobre as festas Sanjoaninas relembrámos o nosso património riquíssimo e percebemos que a nossa Câmara Municipal é capaz de promover e trazer muita gente a esta cidade para ler estas placas e conhecer-nos melhor. Acreditamos e defenderemos estas placas enquanto elementos valorativos do nosso património integradas num plano estratégico de promoção e orgulho de se ser angrense.

Sr. d. m. Francisco Câmara: – Custa-me entender como uma coisa destas passa despercebida a pessoas com certos níveis de estudo. Deveriam ter sido removidas antes das Sanjoaninas as placas com erros absolutamente ridículos para se evitar que fossem fotografadas pelos magotes de fotógrafos e turistas.

O senhor presidente disse que estava tudo bem até reconhecer a necessidade de alterar algumas placas aqui e acolá quando a cidade foi motivo de chacota em alguns órgãos de comunicação social nacionais. A sua insistência em dizer que está tudo bem e os votos contra a nossa proposta, que certamente obteremos dessa bancada, mais música serão para os ouvidos da oposição.

Ficou-lhe muito bem e foi elegante assumir as responsabilidades mas penso tratar-se de um trabalho da vereação da cultura, certamente da senhora vereadora Raquel Ferreira, a quem eu gostaria de perguntar quanto custou cada placa já com IVA incluído e se não seria responsabilidade sua a verificação dos seus conteúdos.

Sr. presidente da Câmara: – Nesta equipa somos todos solidários, a responsabilidade é minha e só minha. O assunto não era da competência da senhora vereadora Raquel Ferreira e penso que nem sabia que as ditas placas tinham sido encomendadas; é um assunto antigo que não passou por ela nem por ninguém desta Câmara e o único com obrigação de saber era eu.

As placas foram muito caras e custaram três mil e tal euros cada. São feitas de bronze e foram produzidas por uma empresa com patente registada daquele modelo, um dos quatro aprovados pela UNESCO, e vende-o caro. Espero que não as roubem com erros e tudo porque valem muito dinheiro, embora não me pareça que nenhum sucateiro possa receber uma placa daquelas sem perceber de onde veio, quanto mais não seja por tê-la visto no *facebook*.

Não sou eu que escrevo as notícias nem as valorizo; disse que as placas não serão retiradas, serão corrigidas dentro de condições técnicas que evitem danos, por isso estamos a tentar a melhor solução junto de alguém da especialidade, o que não é fácil porque envolve questões tecnológicas relativamente complexas que têm a ver com esmaltes e outras coisas tais.

Existem erros factuais em quatro placas, uma delas com a omissão da palavra «Street» porque não a gravaram. Onde se lê: «first city» deveria ler-se: «first city street». Neste caso, «Direita» significa «Straight»; lamento que o senhor não goste mas não vale a pena porque aí não se admitem discussões.

Não vi qualquer magote de pessoas a fotografar as placas e as pessoas com quem tenho falado entendem o que lá está escrito. Quanto ao descontentamento do povo, deixe essa parte comigo que vou fazendo risquinhos favoráveis para este lado. Não se preocupe com isso e continue por aí que vai muito bem porque ganhará mais uns anos de oposição.

Sra. d. m. Maria da Graça Silveira: – Como sei que o senhor presidente Álamo Meneses domina bem o inglês e a sua esposa leciona essa língua, que é falada com frequência pelos seus familiares como referiu há pouco, estranho que as placas tenham sido colocadas nos seus lugares sem que o senhor as revisse.

Todo este processo teve início há muitos anos mas não se sabe como foi conduzido. Sabemos que tinha sido feito um pagamento de 50% mas havia ainda tempo para algumas correções sem a necessidade de todo aquele texto suscetível de erros. Nas placas deveriam constar apenas as localizações com os nomes das ruas traduzidas para inglês da forma mais correta possível com a tal numerologia com um *link* de acesso a um panfleto que, segundo parece, já existe pago pelo Governo Regional onde constam os principais monumentos de Angra do Heroísmo.

Quando se trata de obras, algo que o senhor presidente da Câmara gosta muito, segue-se o assunto de perto; no entanto, ninguém olhou para as placas durante um ano e alguém terá que assumir a *mea culpa* que não é suficiente porque elas custaram perto de 4 mil euros cada.

Já agora, não convém que se diga por aí que são de excelente qualidade de bronze verdadeiro, porque corremos o risco de, mais dia, menos dia, não restar uma única no seu devido lugar. Lamento imenso mas as placas não dignificam Angra, senhora deputada Isabel Berbereia.

Sr. d. m. Artur Lima: – O que me parece relevante são os 80 mil euros gastos naquelas placas. Embora o senhor presidente da Câmara esteja hoje muito altruísta a assumir todas as responsabilidades, é preciso perceber que nada disto foi feito por uma sociedade secreta. Pelo que me vou apercebendo, o povo angrense passa por aquelas plaquinhas sem lhes prestar atenção; passe a expressão, o povo está para aquilo como cão para vinha vindimada.

Há nomes que não se traduzem. Imagino ver o nome do meu amigo João Santos traduzido; deveria ficar algo como «John Holly» ou algo parecido e ele não iria gostar. Imagine-se um inglês a perguntar a um angrense onde fica a Straight Street com esse QR para quem tem smartphones!

O senhor presidente faz bem em assumir as responsabilidades como último elo da corrente mas é preciso saber como foi iniciado todo este processo. A tradução foi feita por gente que não representa o Instituto Histórico a quem não se devem atribuir culpas. É preciso pôr nomes aos bois, saber quem teve a ideia e esclarecer tudo isto.

Aquelas placas contêm informação excessiva; não seria necessário um historial tão pormenorizado de alguns monumentos porque os turistas não vão olhar para aquilo. Existe um panfleto intitulado «Angra cidade património» bem elaborado pelo Governo Regional que identifica os principais monumentos com explicações breves.

Sr. d. m. Luís Rendeiro: – O valor de 4 mil euros por cada placa merece-nos toda a reflexão devido aos problemas graves que o concelho enfrenta e à falta que faz o dinheiro para tantas coisas. Por este valor não deveria haver descuidos de qualquer tipo.

Custa a crer na qualidade final do trabalho, que os textos originais tenham sido traduzidos por um instituto da especialidade e que a autarquia, que possui técnicos da área do património e pessoal na sua vereação com amplos conhecimentos da língua inglesa, tenha aceite um trabalho tão mau e permitido a colocação das placas na cidade tal como estão.

Ninguém sabia, ninguém viu e foram colocadas placas no valor de 4 mil euros cada. Os senhores presidentes aqui presentes sabem muito bem o que fariam com o valor de uma só placa.

Sr. vice-presidente da Câmara, José Gaspar de Lima: – Também sei o que faria com esses 80 mil euros que me dariam para recuperar 40 habitações sociais. Por mim, elas nem estariam ali.

Sr. d. m. Luís Rendeiro: – Os nomes não se traduzem e, pior do que errar, é insistir no erro; por isso, senhor presidente da Câmara, não insista no erro.

Ao contrário do que pensa o meu colega Francisco Câmara, acho que o Partido Socialista vai votar a favor desta recomendação porque toda a gente concorda com a necessidade de correção das placas que contêm erros. O que não concordamos é com o número de placas a corrigir e gostaríamos de saber quais as quatro que foram identificadas pelo senhor presidente da Câmara porque talvez identifiquemos muitas mais.

Senhor deputado João Santos, faltou ler o que escreveu o senhor vice-presidente da Câmara acerca das placas. Estamos aqui a discutir responsabilidades e a reação inicial da Câmara e da respetiva vereação que se pronunciou, foi de desresponsabilização e só se recuou perante a dimensão do protesto popular e da mediatização desta barricada dentro e fora da ilha. Julgo que o texto inicial era ainda mais extenso e foi reduzido por responsabilidade camarária.

Quando os técnicos falham, os políticos assumem as responsabilidades. Concordo que o senhor presidente da Câmara seja o principal responsável mas ficar-lhe-ia bem assumir também a parte do *filé mignon* que é o custo do erário público. A gente assume a responsabilidade mas a Câmara e os munícipes é que pagam os 80 mil euros.

Discordo da senhora deputada Isabel Berbereia a respeito da ridicularização do património; estamos apenas a ridicularizar as placas e os seus textos que, esses sim, ridicularizam o património, a cidade e quem gosta dela. As placas já foram pagas na sua totalidade, senhor presidente da Câmara?

Sr. presidente da Câmara: – Já foram pagas na totalidade.

Sra. d. m. Isabel Berbereia: – Se não fosse a questão da tradução, pergunto se não estaríamos a discutir a cor das letras, o formato das placas, o material ou o seu custo. Se queremos o que é bonito e bom para a nossa cidade para valorizarmos o nosso património, provavelmente serão necessários investimentos e não sei porque estamos a imputar responsabilidades à Câmara por uma decisão que já tinha sido tomada. Independentemente do seu custo e reconhecendo tratar-se de muito dinheiro, as placas são bonitas e demarcam-se pela diferença e qualidade do material que valorizam o nosso património.

Sra. d. m. Rita Andrade: – Ninguém disse que as placas não são bonitas mas a forma não se pode sobrepor ao conteúdo, senhora deputada. Passo a citar o que o senhor presidente disse na RTP: «A informação que lá está não é a parte mais importante já que estas placas apenas servem como marcadores geográficos.» Como o senhor presidente assume que o conteúdo não interessa, bastaria o desenho dos edifícios sem nada escrito e a coisa teria corrido um pouco melhor.

O senhor presidente justifica a tradução da rua Direita para «Straight Street» mas julgo que saberá que a rua se chama «Direita» por ser direta, ligando as portas da cidade à Praça Velha e não, pelo facto de não ter curvas.

Sr. presidente da Câmara: – Pois. A palavra «direta» traduz-se para «straight» e não, para «right».

Sra. d. m. Rita Andrade: – Se isso estivesse explicado no texto, não seria preciso colocar lá «straight street», senhor presidente.

Sra. d. m. Maria da Graça Silveira: – Como as placas custaram cerca de 3 500 euros cada e são de excelente qualidade, os erros grosseiros tornam-se ainda mais graves. É como se alguém comprasse um tecido caríssimo para fazer um vestido e a costureira acabasse por fazer uma enorme asneira.

*Não se tendo registado mais intervenções e após votação, a **Recomendação constante do Ponto 2.1 foi rejeitada** com 19 votos contra do PS, 3 abstenções do PS e 14 votos a favor, (10 do PSD, 4 do CDS-PP).*

Sr. d. m. João Santos (para uma declaração de voto): – Pretendo justificar o meu voto contra esta recomendação que, quanto a mim, não faz sentido porque o senhor presidente da Câmara assumiu a correção das placas sem a necessidade de as retirar do local.

Por outro lado, se pretendemos nas placas um trabalho sério, também as recomendações o terão que ser. Se, para os senhores, o inglês das placas não é o mais adequado, também não considero adequada a linguagem usada nesta recomendação que não deve servir para fazer chacota; é por isto que estou a justificar o meu sentido de voto.

Sr. d. m. Luís Rendeiro (para uma declaração de voto): – Além de uma declaração de voto, apresento também um protesto às declarações do senhor deputado João Santos. O grupo municipal do PSD entende que se perdeu uma oportunidade de corrigir um erro grave porque os senhores votaram contra a retirada e correção das placas com erros, de acordo com as pretensões da nossa recomendação.

Quanto ao texto da recomendação, já lhe disse antes que não existem diferentes níveis de seriedade entre o exercício da oposição e o exercício do poder, senhor deputado. Não lhe

aceito nenhum recado de moral acerca da seriedade das propostas da oposição. Tal como os senhores, nós representamos votos e eleitores e é com essa legitimidade e espírito democrático que redigimos e apresentamos as nossas propostas aqui na Assembleia Municipal.

Não concordo com a forma como muita coisa é feita, começando pelas placas e os seus textos e pela forma como todo o processo foi conduzido. No final todos seremos julgados pela população de acordo com o nosso trabalho e é isso que se pretende.

Sra. d. m. Marília Vargas (para uma declaração de voto): – Não foi isso que votámos. O senhor presidente da Câmara assumiu o erro e vai corrigir as placas necessárias. Se calhar, deveríamos ter aproveitado a oferta do senhor deputado Rogério Sousa porque eu não sou nenhuma *expert* em inglês; vocês são?

Concordo com o senhor deputado João Santos porque este texto é pior do que qualquer placa: «Angra passará assim a ser património mundial do humor.» Isto é continuar a disparar contra os próprios pés ridicularizando a nossa cidade.

Sr. d. m. Artur Lima (para uma declaração de voto): – Pelo respeito que todos me merecem, particularmente a doutora Marília e o senhor João Santos, devo dizer que, se tinham críticas a fazer ao texto, a proposta esteve à discussão e deveriam tê-las feito nessa altura. É pena que não possam levar resposta nessa declaração de voto que me recuso a dar porque estou a fazer também uma declaração de voto. Acho desleal da vossa parte fazerem críticas ao texto numa altura em que não podem ser contrariados.

3 – DOS GRUPOS MUNICIPAIS DO PS, PSD E CDS-PP

3.1 – Voto de Pesar pelo falecimento da Professora Manuela Duarte.

Sra. d. m. Marília Vargas: – «*Maria Manuela Picoto Rosário Capinha Duarte nasceu a 29 de março de 1961 na freguesia de Santa Justa em Lisboa. Desde cedo foi praticante de várias modalidades desportivas tendo sido federada em ginástica artística, andebol, atletismo, judo e mergulho amador.*

Antes de entrar para o Instituto Superior de Educação Física e Desporto de Lisboa exerceu funções de animadora desportiva de ginástica artística na escola secundária de Almada onde concluiu o 12º ano e ainda em diversas coletividades desportivas.

Licenciou-se em educação física e desporto em 1984 com 18 valores em metodologia de treino desportivo e ginástica rítmica e é durante o curso que se apaixona definitivamente pela modalidade.

Foi docente em educação física em Alenquer e Queluz antes de vir para a ilha Terceira. Casa em 1983 e vem para cá trabalhar e viver em 1985, ficando colocada na escola secundária de Angra do Heroísmo onde concluiu o estágio pedagógico plurianual e passou para o quadro definitivo em 1981. Exerceu também na escola básica de S. Bento e mais tarde fixou-se na escola básica e secundária Tomás de Borba.

Enquanto professora, Manuela Duarte exerceu as funções de coordenadora disciplinar, diretora de instalações e de turma e deu aulas no colégio de Santa Clara e na INATEL de Angra do Heroísmo nas modalidades de ginástica artística, rítmica e hidrogenástica para adultos. Em 1986 começa a sua carreira de treinadora de ginástica rítmica no Clube de Judo de Angra do Heroísmo, o único clube onde se pratica esta modalidade na região.

De 1986 a 2014 dinamizou inúmeros saraus e demonstrações de ginástica em diferentes locais e calendários desportivos locais, regionais, nacionais e internacionais e obteve com as meninas da ginástica do clube, bons resultados com relevo a nível nacional. Era juiz nacional

de ginástica, treinadora de grau 1 e de ginástica para todos, dança e exibição e de grau 2 de rítmica para primeira e segunda divisões.

Manuela Duarte foi galardoada em 2011 por 25 anos de carreira como treinadora e dirigente do Clube de Judo de Angra do Heroísmo. Foi diretora técnica da Associação de Ginástica dos Açores de 2004 a 2014, participou ao longo da sua carreira em cerca de 60 ações de formação e em inúmeros congressos e seminários.

Obtendo na sua última avaliação como docente de educação física, o grau de «muito bom», deixou um legado educacional e desportivo digno de registo e motivou vários elementos para a continuidade da ginástica na região: juízes, treinadores e dirigentes.

Maria Manuela Picoto Rosário Capinha Duarte foi respeitada e apreciada por todos aqueles que com ela trabalharam.

Faleceu a 15 de fevereiro de 2015 com 53 anos de idade.»

Sr. d. m. Luís Rendeiro: – Depois desta intervenção da senhora deputada Marília Vargas que, tal como eu e muitos dos que aqui estão, tivemos o privilégio de privar com a professora Manuela Duarte como alunos ou atletas, gostaria de vos pedir a permissão para ler algumas palavras que o marido, o professor Mário Duarte, gostaria que fossem ditas acerca da memória da professora Manuela.

«Algumas palavras sobre a mulher e companheira de uma vida:

Quando a sorte e a vida nos abençoam, não percebemos o bem que temos e é fácil viver e descartar momentos importantes.

Com a minha mulher não senti a passagem e o peso dos anos; era como se tudo fosse fácil e duradouro. Mesmo quando, há nove anos, a primeira doença nos surpreendeu, acreditámos sempre que este obstáculo não nos faria parar e seria ultrapassado. Foi quase assim.

Há quatro anos a doença voltou com outra manifestação e a partir daí usámos toda a nossa energia para viver. Tivemos 33 anos de felicidade e vimos nascer o nosso filho que agora tem 21 anos. Obrigado Manuela, por me fazeres tão feliz.

Aqui, nesta terra que assumimos como nossa, vivi com a minha mulher e fiz muitos amigos. Realizámos sonhos e projetos e sentimos a satisfação pela oportunidade de os concretizar. Quando a vi partir e senti o apoio e carinho dos nossos amigos percebi que não ficaria tão sozinho.

A ilha Terceira e em especial o nosso concelho estiveram atentos ao trabalho desenvolvido pela professora de ginástica, tendo demonstrado um elevado nível de gratidão e carinho por uma mulher que, sendo de Lisboa, se apaixonou pela ilha Terceira e pelas suas crianças. Foi estimada pelas suas alunas, tendo sido eleita por alguma como uma quase segunda mãe. Por todo o lado onde passeávamos havia sempre alguém a sorrir e com olhares de cumplicidade cheios de amizade.

Alunas e familiares estiveram presentes de forma sentida e excepcionalmente amiga na hora da sua despedida. A professora de ginástica rítmica partiu cedo demais mas senti que ficou no coração de pequeninas e grandes que, pela sua mão, sonharam e se sentiram como pequenas estrelas.

A professora Manuela tinha pelos alunos uma dedicação e atenção especial. Deixa um legado que continua a dar frutos e com ela surgiram novas juízes, treinadoras e dirigentes. O tributo que lhe prestamos e oferecemos é bem elucidativo do apreço que por ela sentimos.

Resta-me agradecer de forma simples e verdadeira a todos os que também sentem a sua ausência e a consideram digna de muita saudade. Sinto que ainda me acompanha e me dá inspiração para continuar.

Obrigado Manuela, pelo privilégio de me aceitares e teres vivido comigo.

Mário Duarte.»

Não se registaram mais intervenções. Posto à votação, o Voto de Pesar pelo falecimento da professora Manuela Duarte, constante do Ponto 3.1 foi aprovado por unanimidade.

4 – DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

4.1 – Eleição de quatro representantes da Assembleia Municipal ao Conselho de Ilha, nos termos da alínea b), n.º 1, artigo 2.º do Decreto Legislativo Regional n.º 11/2015/A de 14 de abril.

Foram eleitos por escrutínio secreto os seguintes deputados municipais:

Do Grupo Municipal do Partido Socialista:

- **Marília Margarida Enes Garcia de Vargas.**
- **João Luís Sanchez dos Santos.**
- **António Toledo Alves.**

Do Grupo Municipal do Partido Social Democrata:

- **Péricles Pereira Ortins.**

Sr. d. m. Pedro Ferreira (para uma declaração de voto): – Enquanto membro, sempre defendi uma postura de não partidização e politização do Conselho de Ilha, procurando defender os interesses da Terceira como bem o sabem os colegas do Partido Socialista que lá estavam.

A um ano e meio do fim deste mandato e devido a uma alteração legal, lamento que o Partido Socialista não tenha conseguido colocar os interesses da ilha Terceira à frente das teorias de partidização e politização de órgãos como o Conselho de Ilha.

Sr. d. m. João Santos (para uma declaração de voto): – O Partido Socialista limitou-se a exercer um direito na sequência da aprovação de um decreto legislativo regional que, por força da sua aprovação, fez cair os membros do atual Conselho de Ilha, daí a necessidade de uma nova votação.

Estão presentes nesta Assembleia Municipal os que foram eleitos pelo povo deste município, foi feita uma eleição respeitando o que está na lei, os membros foram eleitos de acordo com o método de Hondt e não há aqui nenhum expediente do Partido Socialista.

Na sequência da eleição do senhor deputado António Toledo Alves, parece-me de mau tom que se diga que os interesses da ilha Terceira ficarão menos bem representados com a sua presença no Conselho de Ilha.

Sr. d. m. Pedro Ferreira: – Não proferi nenhuma palavra contra o senhor deputado António Alves por quem nutro grande consideração; que fique registado que apenas salientei o facto de o Partido Socialista ter optado por partidizar o Conselho de Ilha em vez de alargar o seu âmbito democrático.

O senhor deputado municipal Vasco Capaz, na qualidade de 1.º secretário da Mesa, procedeu à leitura da minuta das deliberações que, posta à votação, foi aprovada por unanimidade.

Sr. presidente da Mesa: – Quero desejar boas férias às senhoras e aos senhores deputados municipais, ao senhor presidente da Câmara e aos senhores vereadores. Para que esta não pareça uma reunião clandestina ou secreta como diria o senhor deputado Artur Lima, e visto que a comunicação social tradicional está mais uma vez ausente, sugiro à Câmara que a VITEC passe a fazer apontamentos das sessões da Assembleia Municipal, não vão os munícipes pensar que não existimos.

Nada mais havendo a tratar, deu-se por encerrada a sessão às 17H15M do dia 30 de junho de 2015, da qual se lavrou a presente ata que vai assinada pelo presidente da Assembleia Municipal de Angra do Heroísmo e pelo seu redator, 1º secretário da respetiva Mesa.

O Presidente da Mesa

Ricardo Manuel Rodrigues Barros

O 1º Secretário

Vasco Augusto Pinheiro Gonçalves Capaz